

# DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL

*Semeando propostas, compartilhando saberes*

Organizadores:

Luís Fernando Soares Zuin

Ezequiel Redin

Paula Andrea de Santis Bastos

Fabio Gregori

**aurora**  
Rede Latino-americana de Diálogos em Ater Digital

Volume 3

  
2023 - 2033  
**Horizonte Ater**  
O futuro da Ater na América Latina

  
Ciclo de  
Formação do  
Extensionista

  
Ciclo de palestras  
**PESQUISA**  
em **PRÓSA**

  
Diálogos em Ater Digital:  
**SEMEANDO PROPOSTAS,  
COMPARTILHANDO SABERES.**



Rede Latino-americana de Diálogos em Ater Digital

**DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL**  
**semeando propostas, compartilhando saberes**

**Volume 3**

Luís Fernando Soares Zuin  
Ezequiel Redin  
Paula Andrea de Santis Bastos  
Fábio Gregori

(organizadores)



**Pedro & João**  
editores

## **Copyright © Autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que sejam levados em conta os direitos dos autores.

---

ZUIN, L.F.S.; REDIN, E.; BASTOS, P.A.S.; GREGORI, F.

Diálogos na extensão rural: semeando propostas, compartilhando saberes. v.3. ZUIN, L.F.S.; REDIN, E.; BASTOS, P.A.S.; GREGORI, F. (Organizadores). São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p.68, 14,8 X 21cm.

Inclui Bibliografia

ISBN: 978-65-265-1224-1 [Digital]

1. Extensão rural. 2. Ater 3. Educação. 4. Digital. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Gabriel Arroyo

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:** Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

# Rede Aurora

## Diálogos em Ater Digital na AL

A Rede Aurora<sup>1</sup> é um coletivo composto por pessoas vinculadas a universidades, órgãos de extensão rural, defesa agropecuária e pesquisas da América Latina e Europa, que estão interessadas no desenvolvimento participativo e dialógico dos serviços de Ater. Busca construir caminhos comunicacionais dialógicos para a apropriação social do conhecimento científico e dos saberes-fazeres pelas pessoas no campo, academia e demais instituições. Caminhos dialógicos em que são compartilhadas as experiências e vivências dos seus integrantes e pessoas convidadas. A rede procura auxiliar a concretização de diálogos e encontros entre seus membros e convidados, que levem ao desenvolvimento de ações pedagógicas, as quais estejam alinhadas aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas. A troca de experiências e vivências entre seus integrantes procura contribuir para a construção de um espaço rural plural, que seja ambientalmente sustentável e socioeconomicamente equânime. Entre em contato conosco pelo e-mail [redauroraal@gmail.com](mailto:redauroraal@gmail.com).

---

<sup>1</sup> A Rede Aurora faz parte de um projeto de extensão universitária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) intitulado "Rede Latino-americana de diálogos em ATER digital", coordenado pelo Prof. Luís Fernando Soares Zuin.

# O Extensionista

O Extensionista<sup>2</sup> é um projeto de extensão universitária em que se promove a divulgação, o intercâmbio, a popularização do conhecimento gerado no meio acadêmico, nas instituições de pesquisa e nas agências de Extensão Rural para os estudantes, comunidades e famílias rurais. O Extensionista se constitui em um portal de divulgação sobre assuntos relacionados ao mundo da agricultura, da extensão rural e do desenvolvimento. O portal é um espaço virtual que se propõe conectar extensionistas, pesquisadores, agências de desenvolvimento rural, gestão pública, agricultores e jovens rurais sobre informações da área no Brasil e no mundo. O projeto surgiu com o objetivo de contemplar um elo nunca antes imaginável – a aproximação entre agricultores, jovens rurais, acadêmicos, formuladores de políticas públicas, professores e pesquisadores do mundo rural. É uma plataforma online para criar um espaço para um verdadeiro elo de troca de experiências, nunca antes possível de forma tão intensa, no meio rural brasileiro. Entre em contato conosco pelo e-mail: [portaloextensionista@gmail.com](mailto:portaloextensionista@gmail.com)

---

<sup>2</sup> O Extensionista é um projeto de extensão universitária do Departamento de Ensino do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulado: "O Extensionista: a ponte digital entre a pesquisa e a comunidade rural". Entre 2019 a 2022 esteve registrado no Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus Unai, MG. Com a redistribuição do coordenador do projeto, Prof. Ezequiel Redin, passa a constituir parte do legado da UFSM.

# Apoios e Agradecimentos

Agradecemos às seguintes organizações que nos apoiaram sugerindo os nomes dos palestrantes e também divulgaram os quatro ciclos de palestras que compõem essa série de livros:

- Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil (MAPA)
- Centro de estudos e pesquisa “Linking Landscape, Environment, Agriculture And Food” (LEAF-ESA-UL) da Escola Superior de Agricultura da Universidade de Lisboa (Portugal)
- Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil
- Programa de Pós-graduação em Agronegócio e Desenvolvimento (PPGAD) da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil
- Programa de Pós-graduação em Estudos Rurais (PPGER) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Brasil
- Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (UNESP/Jaboticabal), Brasil
- Pós-Graduação Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS/UFSCar), Brasil
- Portal Extensión para Extensionistas, Argentina
- Laboratório de Análises Socioeconômicas e Ciência Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (LAE/FMVZ/USP), Brasil
- Grupo de Estudos Aplicados em Finanças (GEAFIN/UNESP- Jaboticabal), Brasil
- Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)

- Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Assistência Técnica, Extensão Rural e da Pesquisa do setor Público Agrícola do Brasil (FASER)
- Associação Paulista de Extensão Rural – APAER, Brasil
- Rede de Pesquisa, Inovação e Extensão em Desenvolvimento Rural (Rede Campo), vinculado a UTFPR, Brasil
- Associação Brasileira das Entidades de Assistência Técnica e Extensão Rural, Pesquisa Agropecuária e Regularização Fundiária (ASBRAER), Brasil
- Grupo de Estudos Aplicados em Finanças (GEAFIN/UNESP/Jaboticabal), Brasil
- Central das Associações das Mulheres do Cacau do Espírito Santo
- Grupo de Estudos e Pesquisa em Ater Digital “Horizonte Rural” (USP)

Agradecemos o apoio do Programa Unificado de Bolsas de Estudos (PUB) para Estudantes de Graduação da Reitoria da Universidade de São Paulo, com a concessão de uma bolsa para a aluna Jessielem Rodrigues de Moura Fé, que ajudou nos trabalhos de revisão deste livro.

# Autores e Organizadores

## **Alessandra Maria da Silva**

É professora de Extensão Rural e Aspectos Sociais da Agropecuária da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e membro do Fórum Nacional de Professores de Extensão Rural e da Rede Aurora de Estudos em ATER Digital. Tem formação em Medicina Veterinária e Doutorado em Produção Vegetal, com ênfase em Economia Rural e Relações de Gênero no Campo. Possui uma trajetória de 20 anos de Extensão Rural em Instituições oficiais de ATER nos estados da Bahia e do Espírito Santo, onde desenvolveu ações com agricultores familiares, especialmente com mulheres rurais e da pesca. Em suas ações, priorizou a utilização e o desenvolvimento de metodologias participativas, baseadas na pedagogia feminista, no processo de empoderamento e de letramento digital de mulheres rurais e da pesca. Contato: [alessandravet92@gmail.com](mailto:alessandravet92@gmail.com)

## **Ezequiel Redin**

Docente do Departamento de Ensino do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Rurais (PPGER) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Minas Gerais. Editor do Periódico Extensão Rural (UFSM) e Editor da Revista de Gestão e Organizações Cooperativas (UFSM). Coordenador do projeto O Extensionista e do Programa do Geoparque de Assistência Técnica e Extensão Rural (PROGEATER). Contato: [ezequiel.redin@ufsm.br](mailto:ezequiel.redin@ufsm.br)

## **Fabio Gregori**

Médico Veterinário formado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP) e Pedagogo formado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Realizou mestrado e doutorado em Epidemiologia Experimental e Aplicada às Zoonoses pelo Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor doutor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (USP). Contato: [acme@usp.br](mailto:acme@usp.br)

## **Leandro Ebert**

Engenheiro Agrônomo formado pela UFSM, com especialização em Nutrição de Ruminantes pela FAZU, atua como Extensionista Rural na Emater/RS - Ascar desde 2014. Reconhecido pela promoção da bovinocultura leiteira familiar e pela integração de tecnologias digitais e práticas tradicionais, recebeu a Comenda Nacional da Ordem do Mérito ATER em 2018. Contribuindo também com a pesquisa científica aplicada, é coautor de diversas publicações científicas relevantes e de divulgação da ciência em áreas afins. Por seus resultados e expertise, ministrou cursos e palestras em mais de 40 municípios, e sua atuação em eventos online e redes sociais tem ampliado a difusão de conhecimentos agrônômicos para o desenvolvimento rural. Contato: [leandroebertagronomia@gmail.com](mailto:leandroebertagronomia@gmail.com)

## **Luís Fernando Soares Zuin**

Professor do departamento de Engenharia de Biosistemas da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP). Docente permanente do

Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS-UFSCar) e também do Programa de Pós-graduação em Gestão e Inovação na Indústria Animal da Universidade de São Paulo (PPGGIIA-USP). Desenvolve estudos, pesquisas e projetos de extensão universitária voltados para o desenvolvimento de metodologias de ensino-aprendizagem e comunicação digital nos territórios rurais. Coordena a Rede Aurora de diálogos em Ater Digital na América Latina. Líder do grupo de estudos e pesquisas em Ater Digital “Horizonte Rural”. Zootecnista (UNESP-FCAV) com doutorado em Engenharia de Produção (DEP-UFSCar). Contato: [lfzuin@usp.br](mailto:lfzuin@usp.br)

## **Paula Andrea de Santis Bastos**

Docente do Mestrado em Saúde e Meio Ambiente e da Faculdade de medicina veterinária da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). É médica veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuRJ), mestre e doutora em medicina veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Apresenta linhas de pesquisa em bem-estar animal, educação em saúde única e medicina veterinária do coletivo. Contato: [paulaasbastos@gmail.com](mailto:paulaasbastos@gmail.com)

# Apresentação

No ano de 2023 surgiram novos caminhos para divulgação da educação científica da academia e dos saberes-fazeres provenientes das atividades a campo dos órgãos de Extensão Rural, Fiscalização Agropecuária na América Latina e Agricultores. Um deles foi colaboração entre o “Portal O Extensionista” e a “Rede Aurora de Diálogos em Ater Digital na América Latina”. Ela ocorreu por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que transcenderam as suas fronteiras geográficas e construíram um legado de informações e conhecimentos, com a colaboração de especialistas (professores, pesquisadores, extensionistas rurais e agentes de fiscalização), que estudam e trabalham nos mais variados temas que permeiam os territórios rurais da América Latina, Europa e África. Essa colaboração pode ser vista em quatro ciclos de palestras que foram criadas em conjunto por essas duas redes, sendo: “Diálogos em Ater Digital: semeando propostas, compartilhando saberes”; “Horizonte Ater 2023-2033; “Pesquisa em Prosa”; “Formação do Extensionista Rural”. Os ciclos procuraram identificar e propor caminhos metodológicos e formativos para os atuais elementos e condicionantes, que determinam desde a formação dos extensionistas, até os futuros processos de transferência e compartilhamento de novas tecnologias no campo. A série de livros “Diálogos na extensão rural: semeando propostas, compartilhando saberes” irá selecionar e transcrever um conjunto de palestras desses ciclos, que mais se destacaram, para serem publicadas. Acreditamos que estes relatos das vivências, principalmente dos extensionistas rurais e agentes de fiscalização, possam inspirar novas gerações de técnicos, que desejam desenvolver um território rural mais sustentável, justo e igualitário. Tenham todos e todas uma boa leitura!

Os organizadores.

# Prefácio

É com imenso prazer e considerável responsabilidade que apresento esta publicação. A oportunidade de contribuir, ainda que modestamente, para uma obra tão relevante e organizada por renomados especialistas em Ater Digital é, verdadeiramente, uma honra.

Este terceiro volume da série "Diálogos na Extensão Rural" apresenta duas experiências significativas que ilustram as vastas possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação. Esses relatos sublinham não só a essencialidade da atuação do extensionista rural, que soube captar e utilizar o potencial dessas ferramentas, mas também a importância crucial da sua mediação para o sucesso dessas iniciativas.

O relato da professora Alessandra Maria é a viagem por uma variedade de temas, que é um verdadeiro prazer de ler. Resgata a história da Extensão Rural, passa pela construção da Política Nacional da Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária (Pnater) e culmina numa fala emocionante sobre autonomia, independência, empoderamento feminino e numa reflexão profunda sobre o papel do extensionista rural. Sua fala deixa claros os obstáculos, mas também celebra as vitórias e sugere caminhos práticos que podem ser orientadores para experiências futuras. Como alguém que testemunhou de perto seu impacto, posso atestar que ela e as Mulheres do Cacau fizeram (e fazem!) história no Espírito Santo.

Leandro Ebert, por sua vez, nos oferece uma perspectiva inspiradora sobre como as ferramentas digitais podem amplificar o trabalho da Extensão Rural. Em um momento em que a adoção dessas tecnologias ainda era incipiente, ele foi um pioneiro ao explorar aplicativos de fácil acesso, como o WhatsApp e as

planilhas Google. Através dessas ferramentas, ele viu a dinâmica de seu trabalho se transformar e sua capacidade de atendimento se expandir. Destaco as iniciativas, em vídeo e texto para site, de compartilhamento de conhecimento científico em linguagem clara e acessível, mas não superficial, segundo ele próprio. Uma preocupação importante em tempos de superabundância de conteúdo.

Como estudiosa e entusiasta da utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas de socialização de conhecimentos e saberes, posso assegurar que esses relatos não apenas dão pistas importantes sobre como desenvolver abordagens mais eficazes. Recomendo enfaticamente a leitura deste livro a todos os interessados em compreender as transformações nas dinâmicas de interação social que estamos vivenciando. Desejo uma boa leitura a todas e todos!

**Vanessa Alves Justino Borges**

Mestre em Sociologia  
Pesquisadora e Gerente de Transferência  
de Tecnologias e Conhecimentos do Incaper (ES)

# Sumário

	MULHERES DO CACAU: experiências em ATER Digital com mulheres rurais do Espírito Santo	
<b>Cap.</b>		
<b>1</b>	Alessandra Maria da Silva Ezequiel Redin Luís Fernando Soares Zuin	14
	ATER ALÉM DO DIGITAL: explorando ferramentas digitais para potencializar a extensão rural	
<b>Cap.</b>		
<b>2</b>	Leandro Ebert Ezequiel Redin Luís Fernando Soares Zuin	51

# Capítulo 1

## MULHERES DO CACAU experiências em Ater Digital com mulheres rurais do estado do Espírito Santo<sup>3</sup>

Alessandra Maria da Silva  
Ezequiel Redin  
Luís Fernando Soares Zuin

### **Ezequiel Redin**

Olá a todos e todas! Extensionistas, agricultoras e agricultores, jovens, pesquisadores e professores acadêmicos e demais públicos aqui presentes. Sejam todos bem-vindos. Hoje teremos a presença da professora, extensionista da INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural), Alessandra Maria. Nós abordaremos o tema intitulado "Mulheres do Cacau: experiências em Ater Digital com mulheres rurais do estado do Espírito Santo". Este ciclo de palestras é uma iniciativa do portal "O Extensionista" e da "Rede Aurora de Diálogos em Ater Digital na América Latina".

### **Luís Fernando Soares Zuin**

Sempre que eu penso em extensão rural me remeto a este projeto coordenado pela Profa. Alessandra Maria. A concretização da Ater digital no campo, realmente participativa, que procura o desenvolvimento rural por completo, passa também pelo empoderamento das mulheres. Hoje falaremos um pouco deste maravilhoso e inspirador projeto.

---

<sup>3</sup> Palestra completa disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UmJdqrOUhAo>

## **Alessandra Maria da Silva**

Este é um projeto que está sendo construído com a contribuição de várias pessoas. Nele eu desempenho o papel de coordenadora, mas há muitos colegas envolvidos, incluindo as Mulheres do Cacau. O sucesso do projeto Mulheres do Cacau é totalmente atribuído a elas e é uma oportunidade incrível estarmos aqui para compartilhar um pouco dessa experiência, que pode ser replicada.

Tenho 20 anos de experiência em extensão rural, 18 dos quais no INCAPER. Minha formação é em medicina veterinária, e a proposta do meu doutorado foi na área de relações de gênero no campo, focando no empoderamento feminino.

A equipe técnica oferece suporte com conhecimento tecnológico, enquanto a parte de articulação com as mulheres está sob minha responsabilidade. Por isso, mesmo sendo médica veterinária, há muito tempo deixei de exercer essa profissão para me tornar uma extensionista rural.

O extensionista rural trabalha no desenvolvimento em todas as suas facetas, independentemente da área de conhecimento de sua formação acadêmica. Essa é a minha abordagem e é assim que venho atuando ao longo de todos esses anos. Por isso que afirmo que é possível replicar esse modelo, independentemente de ser um extensionista especializado em cacau ou qualquer outra área.

Portanto, gostaria de expressar minha profunda gratidão pela oportunidade de estar aqui com todos vocês, compartilhando essa valiosa experiência. Desenvolvemos vários projetos focados no empoderamento feminino, mas no caso das Mulheres do Cacau, utilizamos amplamente a tecnologia digital, o que trouxe grande destaque ao projeto.

O Prof. Zuin estava especialmente entusiasmado com essa iniciativa, proporcionando uma visibilidade significativa ao nosso trabalho. Agradecemos imensamente por isso. Estamos

certos de que várias Mulheres do Cacau irão se envolver ainda mais com essa iniciativa, lembrando que elas, assim como todas as mulheres que vivem no meio rural, enfrentam uma jornada dupla ou até tripla de trabalho. Muitas delas podem estar neste exato momento preparando o almoço para seus filhos irem à escola.

No entanto, uma vantagem de estarmos no YouTube, no canal "O Extensionista", é que elas poderão acessar o conteúdo posteriormente para assistirem quando tiverem tempo. Uma das coisas interessantes que surgem com o uso das tecnologias digitais é essa flexibilidade.

Uma das coisas que tenho buscado incansavelmente em meu dia a dia é alinhar nossos projetos com os princípios da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER)<sup>4</sup>, com um enfoque especial em gênero e utilizando a pedagogia feminista.

Tudo isso está inserido no contexto atual, em que fazemos uso das tecnologias digitais de informação e comunicação para enriquecer nossas práticas. Portanto, considerando esses pilares que mencionei, nosso debate se concentra no projeto Mulheres do Cacau.

Para contextualizá-los, este projeto foi concebido em 2020 e submetido ao edital da Secretaria de Estado de Agricultura, que financiou a iniciativa em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo. A execução do projeto está a cargo do INCAPER. O projeto foi aprovado também em 2020 e iniciou-se em 2021, durante o auge da pandemia. Diante desse cenário desafiador, fizemos adaptações significativas no projeto para garantir a conformidade com os princípios da PNATER e abordar as questões de gênero, cuja interseção pretendo compartilhar com vocês.

Embora minha apresentação esteja centrada na experiência do projeto Mulheres do Cacau, gostaria de pedir

---

<sup>4</sup> PNATER (2004)

permissão para introduzir um pouco de teoria, para que compreendam a perspectiva na qual estamos debatendo as questões de gênero, pedagogia feminista e extensão rural.

Na primeira parte, vou explorar o histórico da extensão rural, com destaque para a desigualdade de gênero no campo. Em seguida, abordarei a Política Nacional de Assistência Técnica à Extensão Rural e a Ater Digital, considerando os seus princípios e objetivos. Por fim, apresentarei o projeto Mulheres do Cacau, destacando a integração da Ater Digital com a Pedagogia Feminista, pois sei que muitas pessoas, especialmente as mais tradicionais, podem questionar como podemos utilizá-los para promover o empoderamento feminino por meio de recursos digitais. São estratégias que adotamos e é possível incorporar recursos digitais nesse processo de empoderamento.

Ao longo da história da extensão rural, passamos por diversas fases, desde o humanismo assistencialista, o difusionismo produtivista e o humanismo crítico, culminando na PNATER.

Além disso, vivemos agora sob a influência dos ventos da tecnologia digital, que vieram para ficar, dando origem ao conceito consagrado da Ater Digital. Quero mencionar a excelente palestra<sup>5</sup> realizada pela colega Carolina Darcie na semana passada, que abordou detalhadamente esse tema e está disponível nos canais do YouTube do O Extensionista e também da Rede Aurora. Recomendo a todos que assistam a essa brilhante apresentação, repleta de conteúdo acadêmico valioso que pode ser aplicado nas aulas de extensão rural.

Não vou me estender muito sobre o histórico da extensão rural, mas é importante lembrar que, durante o período do humanismo assistencialista, a ideia predominante sobre o meio rural no Brasil era de atraso e pobreza. A extensão rural, naquela época, buscava mitigar essa situação, oferecendo crédito orientado aos agricultores.

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OfwUmOL2-kU>

Posteriormente, na transição marcada pela entrada do capitalismo no campo e pela Revolução Verde, vivenciamos uma nova fase na extensão rural, conhecida como difusionismo produtivista, marcada pela disseminação de conhecimentos. Nesse período, houve uma atenção - ou melhor, uma exclusividade - voltada especialmente para os grandes e médios produtores, com o intuito de modernizar a agricultura, oferecendo crédito subsidiado a esses segmentos. Posteriormente, nas décadas de 80 e 90, com o desmantelamento da Embrater e a descentralização da responsabilidade para os estados, a extensão rural passou por uma fase de questionamentos.

Foi durante o movimento do humanismo crítico que surgiram críticas significativas ao modelo existente. Paulo Freire teve um papel fundamental nesse processo ao questionar a abordagem de extensão, que consistia em transferir conhecimento de quem supostamente "tinha" para aqueles que "não tinham", ignorando o conhecimento local das pessoas e falhando na criação de um verdadeiro processo de comunicação. Nesse contexto, a democracia brasileira estava em seus estágios iniciais após a ditadura militar e a Constituição de 1988 proporcionou um suporte legal para o direito à manifestação e à participação dos movimentos sociais na arena política.

No início dos anos 2000, surgiu a PNATER, que introduziu novos princípios e objetivos para o desenvolvimento da Ater. Atualmente, no cenário dos anos 2020, a integração das tecnologias digitais nas práticas de Ater é um processo irreversível. É crucial reconhecer e entender como utilizar essas tecnologias a favor do processo de extensão rural, sempre respeitando os princípios, objetivos e diretrizes da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, visando um desenvolvimento sustentável.

Aqui, quero introduzir a ideia de desenvolvimento à luz das perspectivas de Amartya Sen, enfatizando que o verdadeiro desenvolvimento não pode existir em meio à desigualdade. Nesse

contexto, é fundamental considerar também a dimensão de gênero e analisar como o papel das mulheres também evoluiu ao longo das diferentes fases da extensão rural, desde o humanismo assistencialista até o difusionismo produtivista, o humanismo crítico e até mesmo após a implementação da PNATER.

Ao discutir as mulheres rurais e a questão de gênero, baseio-me na teoria de Joane Scott, que considera gênero como uma categoria de análise. Essa abordagem relacional examina o poder e a hierarquia dos papéis entre homens e mulheres, delineados pela sociedade com base em diferenças sexuais e biológicas. É crucial entender como essas diferenças, impostas pela sociedade, resultam em uma visão dualista e inflexível das funções de homens e mulheres, onde o homem é visto como o líder da família, detentor do poder e responsável pelas decisões, enquanto a mulher assume o papel de mera auxiliar, encarregada do cuidado da família e da casa.

Nesse contexto de divisão sexual do trabalho, é interessante mencionar o artigo "O Peso do Trabalho Leve" de Maria Ignez Paulilo, que questiona a percepção equivocada de que o trabalho das mulheres no campo é leve. Na realidade, as mulheres realizam as mesmas tarefas que os homens, mas a sociedade enxerga seu trabalho como uma obrigação, relegando-as a um papel secundário. Elas acordam antes do amanhecer para preparar o café e o almoço, acompanham os maridos no campo, cuidam dos filhos, da casa e ainda têm que realizar tarefas domésticas, como lavar roupas. Essa jornada de trabalho intensa e multifacetada muitas vezes passa despercebida, o que evidencia a necessidade urgente de desafiar essas percepções e reconhecer o trabalho incansável das mulheres rurais.

O conceito de "trabalho leve" ao qual Maria Ignez Paulilo se refere é uma estratégia social para desvalorizar e invisibilizar o trabalho das mulheres. Na prática, isso significa que as mulheres muitas vezes não são remuneradas pelo trabalho que realizam na propriedade, uma vez que é considerado sua obrigação ajudar o

marido. Mesmo quando as mulheres trabalham como assalariadas no mercado rural, recebem menos do que os homens, independentemente da natureza extenuante de suas tarefas. É essencial destacar esse ponto, especialmente no contexto do projeto “Mulheres Rurais”, que se concentra no empoderamento feminino. Para ilustrar essa realidade, podemos olhar para o livro de Olinger de 1996, que descreve as mulheres rurais na década de 1960. Ele as retrata como agricultoras, donas de casa e mães, mencionando as inúmeras jornadas de trabalho que realizam. Muitas vezes descalças e utilizando ferramentas manuais, elas trabalham arduamente no campo, além de se ocuparem das atividades domésticas. Esse cenário as sobrecarrega, levando a um envelhecimento prematuro devido ao constante sofrimento.

Na década de 1960, a Ater adotava uma abordagem simbólica representada pelo carro Jeep, onde o agrônomo e uma técnica social se envolviam no processo. No entanto, a comunicação e orientação eram predominantemente dirigidas aos homens, enquanto as mulheres eram instruídas sobre cuidados familiares, perpetuando a divisão de gênero nas atividades agrícolas. Durante a Revolução Verde na década de 1970, o acesso à tecnologia continuou sendo predominantemente masculino, enquanto as mulheres eram relegadas às responsabilidades tradicionalmente associadas ao cuidado da família e da alimentação.

O desmantelamento da extensão rural nas décadas de 1980 e 1990 gerou críticas sobre essa abordagem, mas, na prática, poucas mudanças ocorreram. Mesmo com a ascensão da democracia nos anos 90, as mulheres rurais continuaram a enfrentar desafios significativos na obtenção de reconhecimento e valorização pelo trabalho que realizavam.

Em 1995, ocorreu o “Grito da Terra Brasil”, um movimento liderado pela CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), no qual diversos movimentos de mulheres também participaram, embora em um cenário

predominantemente masculino. Apesar disso, esse evento foi crucial para o reconhecimento da agricultura familiar como um ator significativo, uma categoria política que ganhou destaque na agenda governamental. Isso aconteceu por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, conhecido como PRONAF. Paralelamente, os movimentos de mulheres também ganharam força. Em 2000, aconteceu a primeira “Marcha das Margaridas”, na qual as mulheres reivindicaram pautas exclusivamente voltadas para elas, incluindo a luta contra a violência doméstica. A partir desse período, os movimentos sociais não apenas reivindicavam direitos, mas também apresentavam propostas concretas.

Essa dinâmica transformadora culminou na criação de políticas nacionais, incluindo a PNATER, que começou a ser elaborada em 2003 e foi institucionalizada em 2004. Em 2005, novos servidores ingressaram no INCAPER e receberam capacitação sobre os princípios e objetivos da PNATER.

No entanto, mesmo com essa formação, o foco estava mais voltado para o desenvolvimento sustentável, agroecologia e metodologias participativas. Surpreendentemente, não houve informações específicas sobre gênero, geração, raça e etnia em nosso treinamento. Gostaria que esses três princípios fossem gravados em nossa memória para reflexão. Os objetivos, se não me engano, são 12 no total, nós os utilizamos como base para elaborar nosso projeto, que tinha como meta apoiar iniciativas econômicas das famílias, promover a melhoria da qualidade de vida, contribuir para a expansão do aprendizado contextualizado - algo crucial - e apoiar o associativismo e cooperativismo. Trouxemos esses princípios e objetivos para o projeto Mulheres do Cacau.

Agora, uma breve explicação sobre a PNATER: como disse, ela foi estabelecida em 2004 e foi promulgada como lei em 2010, definindo-se como um serviço de educação não formal de caráter continuado.

Na época, havia recursos para capacitar extensionistas de todo o Brasil, visando à aplicação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Vamos avançar para os anos 2020. As fotografias deste ano, do INCAPER e do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) no Espírito Santo, ilustram a realidade atual. No entanto, ainda persiste a ideia de que as tecnologias de produção são prioritariamente para os homens. Embora os convites sejam estendidos a todos, a realidade prática mostra que as mulheres continuam sendo excluídas dessas oportunidades. Muitas vezes, os convites entregues aos homens permanecem nas mãos deles, sem alcançarem as mulheres. Mesmo quando chegam até elas, muitas não têm consciência de seu direito de participar ou não se percebem como sujeitos de direitos, o que resulta em sua não participação ativa.

Se observarmos as atividades relacionadas às tecnologias de produção no *site* do SENAR e do INCAPER, veremos principalmente homens envolvidos. Em contraste, as mulheres são frequentemente direcionadas para atividades consideradas "tipicamente femininas" pela sociedade, como culinária e processamento de produtos de origem animal ou vegetal. Isso, de certa forma, perpetua a extensão do trabalho doméstico para essas mulheres. No entanto, essa abordagem é criticada, pois não leva em consideração os desejos e habilidades reais das mulheres. Em minhas pesquisas, tanto durante meu doutorado quanto posteriormente, descobri que as mulheres desejam participar das atividades que já realizam na lavoura, e não apenas de atividades consideradas tradicionalmente femininas. Estou falando especificamente da realidade do Espírito Santo, onde essas pesquisas foram realizadas.

De fato, hoje contamos com mais de 70 mulheres envolvidas no projeto Mulheres do Cacau, que receberam treinamento abrangendo desde o plantio até o processamento do cacau. Cerca de 10 manifestaram interesse no processamento ou

já estão atuando nessa área. Dessas, três já processam cacau, enquanto outras três consideram essa prática para produzir chocolate. Algumas aceitam encomendas para a confecção de doces e produtos semelhantes, enquanto outras se focam na produção de amêndoas de qualidade para agroindústrias que realizam o processamento. Isso evidencia que as mulheres já estão ativas na atividade rural e desejam continuar trabalhando na produção de matéria-prima, sem necessariamente se envolverem no processamento, especialmente em tarefas que são extensão do trabalho doméstico.

Em relação ao contexto que apresentei anteriormente sobre a PNATER e a necessidade de combater as desigualdades de gênero no campo, permitam-me explicar como começou esse movimento e transformação em nossa instituição. Em 2019, a Secretaria de Estado de Agricultura elaborou o projeto "Elas no Campo e na Pesca: Empreendedorismo, Liderança e Autonomia". O objetivo era entender como poderíamos ajudar as mulheres e quais ações a Extensão Rural deveria implementar, uma vez que o projeto foi criado pela Secretaria de Agricultura e seria executado pelo INCAPER. Para isso, realizamos um diagnóstico participativo em todo o estado, durante o qual as mulheres rurais apontaram duas questões principais: a invisibilidade de seu trabalho e a falta de valorização do trabalho. Com base nesse diagnóstico, a Secretaria de Agricultura concentrou seus esforços em mostrar à sociedade o trabalho das mulheres na lavoura e na pesca, destacando a capacidade de liderança, o potencial e o empreendedorismo das mulheres capixabas.

A partir do projeto "Elas no Campo e na Pesca", passou a haver uma cota de participação para mulheres em outras ações do estado. A proposta central era capacitar e empoderar as mulheres rurais. Entretanto, reconhecemos que existe um amplo debate acadêmico sobre o significado real do empoderamento, o que não deixa de gerar questionamentos.

Para esclarecer o enfoque da nossa perspectiva, estou utilizando o entendimento de León, de 1997, que define empoderamento como a capacidade de as pessoas assumirem o controle sobre suas próprias vidas, fazendo suas próprias escolhas e estabelecendo suas prioridades e interesses. Em outras palavras, quando falamos em empoderamento, não se trata de exercer poder sobre os outros, mas de capacitar-se individualmente para que as mulheres se reconheçam como sujeitos de direitos e tenham acesso às mesmas oportunidades que os homens. Isso requer que as mulheres estejam conscientes de seus direitos e possam reivindicá-los.

O trabalho de Mosedale, de 2005, discute as dimensões do processo de empoderamento de mulheres: poder dentro (poder interior); poder de (atitude); poder com (poder coletivo). Muitas das mulheres participantes do nosso projeto não podiam trabalhar em suas próprias lavouras sem a permissão dos maridos. Algumas não puderam participar do projeto devido à oposição dos maridos. Essas mulheres não têm controle sobre suas próprias vidas e decisões, o que resulta na falta de acesso ao conhecimento tecnológico e à autonomia financeira. Portanto, é crucial desenvolver estratégias para sensibilizar as mulheres, incentivando-as a perceberem que podem buscar o empoderamento, tanto individual quanto coletivamente, e que esse processo é contínuo e não tem fim. Ao se discutirem essas dimensões do poder, como disse, é importante observar que não se trata de exercer poder sobre os outros.

Primeiramente, há o poder interior, que envolve a consciência de que as mulheres têm o direito de buscar seus próprios direitos, reconhecendo seu papel na economia familiar e sua contribuição para a geração de renda da família. Assim, as mulheres têm o poder de buscar oportunidades, tais como a educação e habilitação para dirigir veículos. No caso do grupo das Mulheres do Cacau, essa consciência levou a um movimento de autonomia, onde várias mulheres estão obtendo suas carteiras de

motorista. Além disso, o poder de agir em conjunto, ou seja, o poder coletivo, também é uma dimensão crucial, e temos visto isso no grupo das Mulheres do Cacau, que se uniram para apoiar umas às outras. Essas dimensões do poder abrangem tanto os aspectos econômicos, foco do projeto, quanto questões sociais que vão além de nossas expectativas. Adicionalmente, o empoderamento político surge, permitindo que as mulheres participem ativamente do debate político, das decisões coletivas na sociedade, e se envolvam em campanhas, partidos políticos e cargos públicos.

No processo de empoderamento, é essencial adotar uma abordagem feminista. Quando falamos de uma pedagogia feminista, não estamos nos referindo apenas ao empoderamento exclusivo das mulheres. A perspectiva feminista busca promover a igualdade e o equilíbrio entre os gêneros. Portanto, a pedagogia feminista envolve a aplicação desses princípios nas atividades de assistência técnica e extensão rural.

Como implementar tudo isso? Trabalhamos na sensibilização para a conscientização, utilizando estratégias que enfatizam o entendimento das mulheres sobre seus direitos e seu papel na sociedade. Este é o primeiro passo. Outro aspecto crucial é a equidade, que envolve ações de extensão que aplicam metodologias e estratégias para romper com a lógica difusionista e androcêntrica. Por fim, temos a questão da emancipação, utilizando métodos coletivos que visam construir relações sociais emancipatórias, como a troca de saberes e a autonomia das mulheres.

Dessa forma, a pedagogia feminista orienta nossas ações, buscando alcançar a emancipação feminina por meio da equidade e do despertar da consciência das mulheres.

Como podemos despertar essa consciência nas mulheres no contexto comunicacional digital? Conhecendo as perspectivas que apresentei sobre empoderamento, pedagogia feminista e os princípios da PNATER, procuramos, dentro do projeto, promover a conscientização de gênero, contribuir para a autonomia

econômica das mulheres, facilitar o acesso às tecnologias e recursos, fortalecer a auto-organização, estimular a participação política e promover o acesso aos mercados e políticas públicas.

No projeto Mulheres do Cacau, buscamos fornecer às mulheres acesso a tecnologias de produção e processamento, desde o plantio do cacau até o processamento do chocolate. Além disso, trabalhamos na agregação de valor para acessar mercados especiais, incluindo o Programa Nacional de Alimentação Escolar, introduzindo produtos de cacau na alimentação escolar.

O empoderamento individual e coletivo também foi uma meta do projeto. Aprovado em 2020 e iniciado em 2021, durante a pandemia de Covid-19 sofreu com as restrições governamentais que proibiam deslocamentos e aglomerações. Devido a essas restrições, tivemos que repensar nossas ações, levando em consideração os princípios da pedagogia feminista, a participação e as necessidades das mulheres.

Perguntamo-nos como poderíamos fazer isso em meio à pandemia e, principalmente, como poderíamos garantir a participação, um elemento fundamental para o empoderamento, levantando a questão: todas as mulheres têm acesso à internet de qualidade? Descobrimos que não. Por isso, a abordagem assíncrona foi crucial para aquelas que não tinham acesso regular à internet de qualidade.

Além disso, observamos que não bastava apenas de ter acesso à internet de qualidade; algumas mulheres sequer tinham um celular. Para mobilizar essas mulheres, liguei para elas, só que, no entanto, surgiram situações em que as mulheres não podiam participar das reuniões pois o aparelho estava sendo usado por seus maridos. Para superar essas barreiras, fornecemos *links* e recursos assíncronos, permitindo que as mulheres participassem no momento que fosse mais conveniente, levando em consideração as restrições e desafios enfrentados. Essas pesquisas sobre Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em domicílios revelam um cenário

complexo. Embora haja celulares nos domicílios, quem realmente tem permissão para usar esses dispositivos? Muitas vezes, as mulheres são impedidas de usar os celulares, pois seus maridos exercem controle total sobre eles. Isso foi observado em uma pesquisa realizada em 2014 sobre o uso de tecnologias de comunicação e informação, com foco em gênero. Os resultados indicaram que compartilhar o telefone é mais comum em áreas pobres e rurais.

Nesse contexto, o acesso das mulheres à internet está restrito principalmente aos celulares, não aos computadores. Isso levanta questões sobre como manter a motivação delas, especialmente ao convidá-las para participar de grupos de WhatsApp. Como podemos movimentar isso e garantir a participação e a motivação contínuas das mulheres? Uma pesquisa conduzida pela Universidade de Oxford, em colaboração com o IICA (Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura), o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e a FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola), analisou a desigualdade digital de gênero na América Latina e no Caribe e publicou os resultados em 2020. Embora o Brasil se destaque em alguns aspectos, ainda há desafios significativos. Segundo o estudo, 17 dos 23 países analisados apresentam mulheres rurais com menos acesso a um celular pessoal. Esse cenário é ainda mais crítico para mulheres com baixa escolaridade que vivem em áreas rurais. Um gráfico apresentado na palestra<sup>6</sup> da pesquisadora e extensionista Carolina Darcie (Coordenadora de Assistência Técnica Integral-SP), relatando uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil<sup>7</sup> mostrou que, embora haja conectividade nos domicílios rurais (71% em 2021), houve uma queda para 68% em 2022. No entanto, o problema vai além do acesso à internet. É fundamental analisar se as mulheres estão realmente utilizando essas tecnologias. O estudo realizado

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OfwUmOL2-kU>

<sup>7</sup> Comitê Gestor da Internet no Brasil (2021; 2022)

pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil de 2022<sup>8</sup> revela que, em todas as variáveis analisadas, exceto na capacidade de anexar documentos, imagens ou vídeos nas mensagens (onde as mulheres são a maioria), elas apresentam menor acesso ou proficiência digital. Por exemplo, menos mulheres instalaram programas ou aplicativos, ou utilizaram ferramentas como apresentação de slides ou planilhas. Esse menor letramento digital preocupa-nos profundamente.

O artigo de 2020 de Rotondi também menciona o "hiato digital de gênero", que se divide em nível primário (menor acesso a recursos e equipamentos) e nível secundário (limitações no uso efetivo desses recursos digitais). A pesquisa indica que o principal hiato digital para as mulheres é o acesso limitado a esses recursos digitais. Para superar os desafios impostos pela pandemia e pela desigualdade digital de gênero, implementamos estratégias inovadoras em nossas ações de Ater. Utilizamos recursos digitais para promover interações remotas, tanto síncronas quanto assíncronas e, quando possível, reintroduzimos atividades presenciais, adotando uma abordagem híbrida. Entre os recursos que empregamos, o WhatsApp se destacou como nosso principal aliado, proporcionando um canal eficaz de comunicação.

Iniciamos nossa jornada digital com a criação de grupos no WhatsApp, estabelecendo regras de convivência claras. Para garantir que todas as participantes compreendessem as diretrizes, optamos por gravar um vídeo explicativo, reforçado por mensagens escritas compartilhadas posteriormente. Essa estratégia foi fundamental para estabelecer as bases do comportamento organizacional no grupo. Inicialmente, repetíamos o vídeo e as mensagens escritas para cada nova integrante. No entanto, após aproximadamente dois meses, notamos que as mulheres recém-chegadas assimilavam rapidamente as normas ao observar o comportamento das outras participantes. As regras de convivência definidas incluíam focar exclusivamente em

---

<sup>8</sup> Comitê Gestor da Internet no Brasil (2022)

assuntos de interesse coletivo e, especialmente, nos objetivos do projeto Mulheres do Cacau.

Para evitar sobrecarga de mensagens e incentivar a participação ativa, decidimos evitar cumprimentos formais aleatórios, como "bom dia" e "boa noite", que poderiam gerar uma avalanche de mensagens desnecessárias. As mulheres compreenderam essa dinâmica e passaram a utilizar o espaço para discussões mais substanciais. Além disso, estabelecemos diretrizes para evitar a discussão de temas polêmicos, como religião e política, a fim de manter um ambiente seguro e focado nos objetivos do projeto. Essas práticas ajudaram a manter a qualidade das interações no grupo do WhatsApp, proporcionando um ambiente colaborativo e produtivo para todas as participantes. Através dessas estratégias e da utilização de recursos digitais, conseguimos criar um ambiente *online* propício para o empoderamento feminino, promovendo não apenas o acesso a informações valiosas, mas também a redução do isolamento social e o estímulo ao interesse pelo conhecimento tecnológico entre as mulheres envolvidas no projeto.

Nós estamos continuamente adaptando nossas abordagens para atender às necessidades e garantir a participação ativa e significativa de todas as mulheres envolvidas em nossas iniciativas. Elas assimilaram essas diretrizes de tal forma que conseguimos atravessar o período eleitoral do ano passado, durante a campanha política e as eleições de 2022, sem uma única postagem de apoio a qualquer candidato. Isso demonstra o respeito integral às regras de convivência estabelecidas. Além disso, incentivamos a aceitação e respeito às limitações de cada participante. Algumas mulheres tinham dificuldades em escrever, permitíamos a expressão por meio de vídeos ou áudios. Em nossa abordagem inclusiva, não havia julgamento em relação a eventuais erros nas mensagens, onde todas compreendiam e respeitavam as diversas formas de comunicação das participantes.

Outro aspecto fundamental foi o estímulo para que as mulheres compartilhassem os conhecimentos adquiridos. Se uma pessoa não pôde participar de algum curso, por exemplo, ela podia observar outras mulheres colocando em prática o que aprenderam, seja por meio de vídeos ou fotos, compartilhando essas experiências no grupo do WhatsApp. Essa troca constante de saberes-fazeres reforçou o aprendizado coletivo e as motivaram<sup>9</sup>.

A integração proporcionada pelo WhatsApp foi essencial para o nosso projeto, pois trabalhamos em cinco municípios diferentes com distâncias de até 150 quilômetros entre eles. Começamos com um grupo em Linhares, composto por 31 participantes, que evoluiu para ser a central das associações das Mulheres do Cacau, reunindo agora 72 participantes de cinco municípios do estado. O interessante é que algumas mulheres nunca se encontraram pessoalmente, mas mantêm uma comunicação ativa e constante por meio do WhatsApp. Quando há informações de interesse coletivo, elas compartilham no grupo principal, mas para questões individuais, como encomendas específicas, preferem usar mensagens privadas para manter a eficiência da comunicação<sup>10</sup>.

O WhatsApp também nos ofereceu agilidade nas comunicações. Se tínhamos eventos ou reuniões, podíamos enviar convites e informações relevantes instantaneamente, evitando que as mulheres precisassem se deslocar para receber essas atualizações.

Além disso, compartilhamos recursos educacionais, como *links* e vídeos, facilitando o acesso ao conhecimento sobre a cultura do cacau. Outro exemplo notável da autonomia alcançada pelas mulheres foi a criação de grupos temporários no WhatsApp. Elas aprenderam a usar o aplicativo não apenas para formar grupos de interesse coletivo, mas também para dissolvê-los

---

<sup>9</sup> Pinheiro et al. (2022)

<sup>10</sup> Ibidem

quando necessário. Por exemplo, criaram associações municipais em Linhares, Rio Bananal, Colatina, Santa Teresa e São Roque do Canaã, cada uma com seu próprio grupo no WhatsApp. Essas associações municipais se conectaram por meio de um grupo central. Para discutir questões específicas, como o estatuto da associação em nível municipal, elas formaram comissões temporárias dentro do aplicativo, permitindo uma comunicação eficaz e colaborativa durante esse processo. Essa autonomia demonstra não apenas o domínio técnico das ferramentas digitais, mas também a capacidade das mulheres em utilizar essas tecnologias para fortalecer sua participação e organização.

A comissão se reunia pelo grupo do WhatsApp para discutir e compartilhar arquivos, posteriormente organizava reuniões no grupo da comissão pelo Google Meet para discutir detalhes do estatuto. Após o estatuto ser finalizado pela comissão, era divulgado no grupo maior, como na Associação das Mulheres do Cacau de Linhares. Esta autonomia demonstra a habilidade delas em criar e administrar grupos, sem a necessidade da minha intervenção direta. Eu observo atentamente, mas elas são as responsáveis pelos grupos que formam. Por exemplo, quando organizamos um dia de campo em Colatina, onde os parceiros, realizadores e mulheres discutiriam a organização do evento em várias estações, foi criado um grupo temporário para facilitar a comunicação.

Em outro momento, por ocasião da visita de representantes da Secretaria Estadual de Mulheres, uma das mulheres criou um grupo temporário chamado "Visita Secretaria Mulheres". Neste grupo, elas decidiram sobre o local da reunião, a organização do almoço coletivo e as propriedades que seriam visitadas.

Essa autonomia é maravilhosa. Uma das facetas mais interessantes do WhatsApp no processo de empoderamento e participação das mulheres é como elas utilizam o grupo para compartilhar ideias, sucessos, dúvidas e experiências práticas a

partir do que aprenderam nos cursos. Uma das mulheres registrava as visitas técnicas em vídeos e os compartilhava no grupo, incentivando outras a fazerem o mesmo. Outro exemplo inclui uma das agricultoras idealizadoras do projeto Mulheres do Cacau que apesar de ser uma das mais velhas do grupo, dominava completamente o uso dos recursos digitais. É importante destacar que algumas pessoas ainda têm preconceitos, seja geográfico, de gênero ou etário, acreditando que as mulheres do meio rural, especialmente as mais velhas, não teriam habilidades para usar a tecnologia.

No entanto, estas mulheres estão provando o contrário. Elas, por exemplo, frequentemente enviam áudios e vídeos para o grupo, compartilhando suas atividades, incentivando outras mulheres e mostrando seu progresso na produção de cacau. Outro exemplo é de outra agricultora que quando se juntou ao grupo, não tinha conhecimento sobre a condução de uma plantação de cacau. Através dos cursos e orientações técnicas mensais, ela aprendeu não apenas a podar e enxertar, mas também a colher, fermentar e secar o cacau. Hoje, ela é uma especialista em poda e oferece consultoria para outras propriedades, compartilhando seu conhecimento adquirido também no grupo do WhatsApp.

Essas são algumas ilustrações da capacidade das mulheres de todas as idades em adotar tecnologias digitais para impulsionar seu aprendizado, desenvolver habilidades e fortalecer suas comunidades.

O WhatsApp possibilita essa multiplicação do conhecimento, como um verdadeiro empoderamento. Como disse, além do WhatsApp, também utilizamos o Google Meet para nossas reuniões *online*, para as quais estabelecemos regras claras de convivência. Essas diretrizes foram apresentadas em nossa primeira reunião, em maio de 2021. Naquela época, muitas mulheres não sabiam como acessar o Google Meet e não tinham o aplicativo instalado no celular ou com um e-mail configurado.

Para contornar isso, as bolsistas do projeto entraram em contato com elas via WhatsApp, fornecendo orientações passo a passo sobre como instalar o aplicativo, criar um e-mail e utilizar as funcionalidades, como abrir e fechar câmera, microfone e levantar a mão para falar. No início, algumas encontraram dificuldades, mas à medida que compreenderam o significado de cada ícone, como microfone, câmera e mãozinha, elas se familiarizaram e se adaptaram às regras. As normas incluíam manter o microfone desativado enquanto outra pessoa estivesse falando, levantar a mão para indicar que desejavam falar, e fechar a câmera caso houvesse problemas de sinal para evitar quedas na conexão. As mulheres adotaram essas regras de convivência de forma perfeita.

Além do Google Meet, o WhatsApp foi um suporte fundamental para todas as tecnologias utilizadas. Através dele, as mulheres foram capazes de aprender e implementar novas ferramentas, tornando-se proficientes em diversas plataformas digitais. Uma situação interessante foi durante uma reunião organizada pela Secretaria Estadual de Agricultura, coordenadora do projeto "Elas no Campo e na Pesca". Na ocasião, eu não pude participar e pedi para as mulheres organizarem e conduzirem a reunião. Elas criaram o *link*, convidaram outras mulheres e participaram do encontro com a representante da Secretaria. Após a reunião, a coordenadora do projeto ficou impressionada com a organização e a disciplina das mulheres, que seguiam as regras estabelecidas, já que muitas vezes, mesmo em grupos urbanos e letrados, as pessoas tendem a se comportar de forma menos organizada em reuniões *online*.

O exemplo mais notável é a imagem de outubro de 2022, com 24 mulheres discutindo a possibilidade de criar uma associação. Nessa reunião, uma das agricultoras assumiu o papel de liderança, criando o *link* para a reunião, conduzindo a discussão e compartilhando a importância de formar a associação. A participação de mulheres do município de Linhares, interessadas em fazer parte da associação, foi uma demonstração

clara do impacto positivo e da liderança das mulheres em nosso grupo. A partir disso, elas continuaram a criar reuniões por conta própria, convidando participantes e mantendo um alto nível de organização. Este é um testemunho do poder de capacitação e autonomia proporcionado pelo uso estratégico da tecnologia e da colaboração no grupo. Além disso, as mulheres do projeto também se destacaram como protagonistas e multiplicadoras de conhecimento em um evento importante ocorrido no ano passado: o “Concurso de amêndoas de cacau”.

Nesse evento, precisávamos urgentemente compartilhar informações com as mulheres dos cinco municípios participantes do projeto e o tempo era escasso. Foi quando decidimos convidar, uma das Mulheres do Cacau que já processava chocolate, para ser a principal participante de uma *live*<sup>11</sup> transmitida no canal do INCAPER no YouTube. Ela foi o centro das atenções nessa transmissão, enquanto eu atuava como mediadora e o nosso coordenador de cacau no INCAPER assumia o papel de entrevistador. Foi como um *talk show*, no qual ela compartilhou suas experiências, explicou os padrões de qualidade necessários para produzir um chocolate fino e até mostrou fotos. Ela se tornou a grande estrela do vídeo, que foi gravado e compartilhado no canal do INCAPER no YouTube. Esse vídeo foi amplamente utilizado para educar e informar as mulheres, sendo uma valiosa fonte de conhecimento. Essa *live* não apenas proporcionou conhecimento imediato, mas também continuou sendo útil.

Este ano, enquanto se aproximava a data do próximo concurso, reutilizamos o mesmo vídeo, compartilhando-o novamente com as mulheres. Dessa forma, o conhecimento transmitido na *live* foi preservado e acessível a qualquer momento. Isso permitiu que as mulheres acessassem as informações quando estivessem próximas de uma rede Wi-Fi, garantindo que pudessem aprender e aplicar os conhecimentos adquiridos.

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vHm9yr-pVV4>

Quero enfatizar que não nos limitamos apenas a atividades digitais. Quando as condições permitiram, voltamos ao campo para realizar atividades presenciais, como proposto inicialmente no projeto. Realizamos diagnósticos participativos, oferecemos cursos abrangendo desde o plantio até o processamento do chocolate, demonstramos métodos e fornecemos assistência técnica. Além disso, organizamos dias de campo nos quais as mulheres assumiram papéis de liderança e instrutoras. Se elas já haviam passado por um processo de capacitação e estavam colocando em prática o aprendizado, por que não permitir que compartilhassem esse conhecimento com outras mulheres? Foi exatamente isso que fizemos. As mulheres não apenas participaram, mas lideraram a elaboração e organização dos dias de campo. Elas decidiram sobre a apresentação de cada palestra, contribuíram na organização do espaço, na decoração e até mesmo no tema que seria debatido.

As mulheres foram as mestras de cerimônia em nossos eventos, demonstrando seu envolvimento e liderança contínuos. Elas também participaram de intercâmbios, aprendendo umas com as outras. Por exemplo, visitaram a fábrica de chocolate da colega agricultora e participaram de feiras, como a "Feira Internacional do Cacau e do Chocolate" e o "CacauFest".

A credibilidade conquistada por essas mulheres foi tão significativa que, desde o início, elas são convidadas para esses eventos. Em todos esses casos, as mulheres não apenas participam, mas também gerenciam os estandes, decidem quais produtos comercializar, administram o espaço, recebem pagamentos via Pix e organizam o transporte solidário. São as mulheres que se responsabilizam por todos os aspectos desses eventos, demonstrando sua autonomia e capacidade de liderança.

Adotamos uma abordagem híbrida em algumas de nossas ações, combinando interações presenciais com o uso de recursos digitais. Por exemplo, durante o Encontro das Mulheres do Cacau, em dezembro do ano passado, tivemos palestrantes presenciais,

mas também incluímos uma apresentação *online* do pessoal da APEX (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos) de São Paulo sobre a exportação de amêndoas de qualidade.

Essa transmissão ao vivo permitiu a interação das mulheres com os palestrantes, mesmo à distância, demonstrando como as ações presenciais podem ser ampliadas e enriquecidas com recursos digitais. Além disso, produzimos vídeos para dar visibilidade às mulheres e inscrevê-las em prêmios. Um exemplo é o vídeo criado para o prêmio "Espanha Reconhece Mulheres Rurais"<sup>12</sup>, disponível no canal das Mulheres do Cacau no YouTube. Embora o canal ainda não esteja muito movimentado, esse vídeo serve como um testemunho visual das realizações e da resiliência das Mulheres do Cacau, proporcionando a elas uma plataforma para compartilhar suas histórias e sucessos com um público mais amplo. Se vocês quiserem acessar o canal das Mulheres do Cacau, encontrarão o vídeo completo, proporcionando uma visão aprofundada das incríveis contribuições das mulheres envolvidas no projeto.

O perfil no Instagram<sup>13</sup> das Mulheres do Cacau, como mencionei anteriormente, tinha 228 seguidores quando eu o acessei recentemente. Após esta palestra, espero que possamos ampliar esse número para pelo menos 300 seguidores, incentivando mais engajamento. Vale ressaltar a importância do letramento digital, que começou com a introdução das mulheres no WhatsApp, seguiu com a utilização do Google Meet e culminou na criação e administração do perfil no Instagram, bem como na produção de vídeos próprios. Este processo de capacitação digital permitiu que as mulheres participassem de diversas outras atividades e eventos *online*. Recentemente, algumas delas concluíram o curso de "Modelo de Negócios Sustentáveis da plataforma Mulheres Rurais" da REAF (Reunião Especializada

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/@MulheresdoCacau/featured>

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/mulheresdocacaues/>

da Agricultura Familiar) do Mercosul (Mercado Comum do Sul), interagindo com mulheres de países do Mercosul expandido. Elas participaram de debates via WhatsApp, compartilhando suas experiências e aprendizados, mesmo diante das barreiras linguísticas entre espanhol e português.

Essas iniciativas trouxeram visibilidade e reconhecimento para o projeto, aumentando o conhecimento técnico das mulheres, que passaram a produzir cacau com alta qualidade. Algumas delas, foram premiadas no concurso de amêndoas do ano passado, destacando-se pelo seu trabalho excepcional. Essas conquistas proporcionaram credibilidade ao que as mulheres realizam, e diversas empresas, como Cacau Show, Nestlé e Sebrae, estabeleceram parcerias com o projeto. As Mulheres do Cacau também foram finalistas no Prêmio Inoves e ganharam visibilidade em matérias de jornais, consolidando seu reconhecimento.

As mulheres participaram de eventos como o "Tecnoagro" em 2022 e 2023, sendo o centro das atenções nessas ocasiões. Elas também foram destaque em revistas e foram convidadas a compartilhar os resultados do projeto em eventos como o "1º Encontro de Educação Sanitária" promovido pelo Ministério da Agricultura e Pecuária em maio deste ano. Como resultado desse empoderamento coletivo, as mulheres decidiram, por conta própria durante o diagnóstico participativo, organizar-se e formar quatro associações em seus respectivos municípios. Posteriormente, reuniram-se virtualmente com a Central das Associações das Mulheres do Cacau. A utilização de recursos digitais minimizou a necessidade de deslocamento constante para reuniões, facilitando a comunicação e fortalecendo ainda mais sua rede de apoio e cooperação.

Para ilustrar o impacto desse processo de empoderamento, compartilho com vocês a mensagem inspiradora que recebi de uma das participantes: *"Bom dia. Eu sou imensamente grata às Mulheres do Cacau. Foi através da sua fala*

*apresentando o projeto no dia de campo da propriedade de uma das Mulheres do Cacau que eu me encantei. As Mulheres do Cacau foram a luz que eu estava precisando naquele momento e que hoje eu tenho o imenso prazer em dizer que sou uma Mulher do Cacau. Confesso que estou a cada dia mais apaixonada pelas Mulheres do Cacau, amo cada uma delas, suas histórias, a dedicação e vontade de fazer dar certo essa associação que está iniciando. Com seu conhecimento e energia, desempenhou um papel de importância incomensurável no resgate da mulher que eu era, ou melhor dizendo, no descobrimento da mulher que sou e posso ser. Sou profundamente grata por tudo isso. "*

Espero que esse relato demonstre a magnitude do impacto positivo que o projeto teve na vida das mulheres envolvidas, proporcionando-lhes não apenas conhecimento técnico, mas também uma comunidade forte e solidária na qual podem prosperar e crescer juntas. O empoderamento dessas mulheres é verdadeiramente inspirador e merece toda a nossa admiração.

Nas considerações finais, gostaria de ressaltar alguns pontos cruciais. Primeiramente, destaco a necessidade do letramento digital para a eficácia do uso de recursos digitais em atividades de Ater, especialmente quando se trabalha com mulheres. O WhatsApp tem se mostrado um aliado fundamental nesse processo, permitindo mobilização diária, redução de deslocamentos constantes e facilitação na tomada de decisões coletivas.

O Uso do WhatsApp promove um fluxo contínuo de informações, possibilitando a aprendizagem presencial e virtual das mulheres, que se tornam tanto protagonistas como responsáveis por compartilhar conhecimento. Além disso, o WhatsApp cria identidade e senso de pertencimento nos grupos, promovendo a socialidade entre as mulheres envolvidas. É um espaço onde elas se sentem valorizadas e conectadas, fundamentais para o empoderamento coletivo.

Gostaria de agradecer por ouvirem essa palestra, compartilhando meu contato pessoal para quem quiser se conectar comigo, além de nos seguir no Instagram (@mulheresdocacaues), incentivando o crescimento contínuo das mulheres nesse meio. Anuncio também que estamos ingressando na segunda fase do projeto Mulheres do Cacau, com foco na comercialização e no marketing digital. As mulheres continuarão a se envolver cada vez mais com as tecnologias digitais, um caminho sem retorno. Agradeço a todos pela atenção e paciência.

### **Luís Fernando Soares Zuin**

Parabéns, Alessandra, por liderar esse projeto incrivelmente potente com dedicação, esforço e empenho. O trabalho árduo por trás de um grupo no WhatsApp não pode ser subestimado e por isso essas mulheres são exemplos para todos nós. O conhecimento que estão adquirindo e compartilhando é incrivelmente valioso. Estamos ansiosos para ouvir mais sobre isso.

### **Alessandra Maria da Silva**

Agradeço por suas palavras, Prof. Zuin. Suas observações são profundamente apreciadas. Permita-me abordar a sua fala sobre como pretendo fomentar e estimular outras mulheres envolvidas na produção de cacau e em outros sistemas produtivos, não apenas localmente, mas em todo o país.

Desde o início do projeto Mulheres do Cacau, buscamos promover autonomia e independência nas mulheres participantes. Esse foi um princípio fundamental para que o projeto fosse mais do que apenas um programa temporário. Estimulamos essa mentalidade desde o início, cultivando a ideia de que o projeto é um ponto de partida, mas o legado que ele cria é duradouro. Nosso objetivo sempre foi levar esses princípios para outras

atividades e grupos de mulheres. Com base na experiência adquirida e na confiança crescente que temos em nosso modelo, estamos agora em um ponto em que podemos consolidar essas práticas em artigos científicos e, especialmente, em um livro.

A intenção é documentar nossas metodologias participativas, mostrando o início, meio e fim do processo, incluindo as soluções encontradas para superar desafios.

Em relação à disseminação desse conhecimento, planejamos utilizar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para alcançar mulheres em outras regiões do país. Através de plataformas *online*, redes sociais, *webinars* e até mesmo cursos à distância, pretendemos compartilhar nossas práticas bem-sucedidas. Além disso, estamos considerando palestras e workshops presenciais em eventos relevantes, sempre que possível, para que possamos interagir diretamente com as mulheres interessadas. Estamos cientes da importância de documentar essas experiências para garantir que sejam acessíveis a um público mais amplo. Embora ainda não tenhamos iniciado essa fase, isso é uma prioridade em nosso planejamento futuro. Agradeço novamente por seu interesse e apoio contínuo ao nosso trabalho.

Até pouco tempo atrás, o objetivo principal do projeto era a produção de cartilhas interativas, nas quais vídeos mostrando as mulheres realizando atividades práticas, como poda, seriam incorporados. Embora essas cartilhas ainda não tenham sido lançadas, estamos planejando transformar essa experiência em um livro. Acredito que essa abordagem é crucial, pois servirá como base para estudos acadêmicos, permitindo análises e pesquisas sobre os resultados que obtivemos. Além disso, colegas extensionistas rurais terão a oportunidade de se inspirar e adaptar essas práticas, levando em consideração a necessidade de contextualização em diferentes cenários.

Quando consideramos as ações a serem realizadas com as mulheres, é essencial que elas sejam as protagonistas. Elas

definirão seus objetivos, direções e participarão ativamente na construção do conhecimento de forma participativa. Ao transformar essas experiências em um livro digital acessível a todos, nosso objetivo é promover o compartilhamento aberto e a adaptação dessas práticas por um público amplo.

Gostaria de destacar que temos iniciativas acadêmicas em andamento envolvendo as Mulheres do Cacau, como o trabalho de doutorado de uma orientada pelo Prof. Zuin, que irá conduzir pesquisas com essas mulheres. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) também está interessada em realizar pesquisas, especialmente na área tecnológica, com as mulheres envolvidas no projeto. Elas se tornaram referência para estudos em várias universidades, o que é um testemunho do impacto positivo de suas ações. Agradeço pelo apoio e pelo interesse em documentar nossas experiências. Estou plenamente de acordo em ter minha palestra transcrita e incluída no ciclo de livros que vocês estão desenvolvendo. Além disso, reconheço a importância dos parceiros e da equipe de extensionistas, tanto aqueles com expertise tecnológica quanto os envolvidos no empoderamento feminino, que contribuíram significativamente para o sucesso do projeto. A cooperação e o envolvimento de todas as instituições e pessoas interessadas são fundamentais para nosso progresso conjunto.

## **Ezequiel Redin**

Por fim, agradeço a todos os envolvidos e ressalto que, embora as mulheres estejam liderando em muitos aspectos, como nas atividades do Geoparque e na organização da "Caminhada da Natureza", ainda há espaços para maior equidade de gênero. Acredito que, com esforço contínuo e colaboração, podemos alcançar uma participação igualitária em todas as áreas. Atualmente, algumas mulheres estão emergindo como protagonistas, embora as razões por trás desse fenômeno ainda

precisem ser estudadas. No entanto, o verdadeiro destaque vai para a organização em si, que envolve mulheres das prefeituras, secretárias, extensionistas da EMATER (RS) e aquelas que lideram o Geoparque. O Geoparque se destaca como um espaço onde as mulheres exercem suas habilidades, especialmente no turismo rural, proporcionando visibilidade para todos. Um dos méritos significativos do projeto reside em suas atividades de divulgação, que permitiram que conhecêssemos as Mulheres do Cacau.

Há uma menção de uma questão clássica relacionada a dívidas que as mulheres muitas vezes enfrentam após o falecimento de seus maridos. Este é um cenário comum, onde as mulheres, muitas vezes sem seu conhecimento, são envolvidas em empréstimos e outros compromissos financeiros pelos maridos, uma questão que eu já havia pesquisado durante meu doutorado. No contexto do PRONAF, por exemplo, muitas mulheres eram usadas como intermediárias para acessar empréstimos, mas não tinham conhecimento real ou controle sobre as transações. Esse fenômeno ilustra como, mesmo em políticas públicas destinadas a fortalecer as mulheres, a participação efetiva delas nas decisões ainda é limitada. Esse é um exemplo de como a falta de participação e empoderamento das mulheres pode levar a consequências financeiras adversas em suas vidas.

### **Alessandra Maria da Silva**

O empoderamento feminino assume um papel crucial, ao destacar a necessidade de sensibilização para conscientização. É fundamental que as mulheres estejam plenamente cientes do conteúdo dos documentos que assinam, para que possam contribuir efetivamente nas decisões familiares e nos investimentos realizados pela família. Além disso, é crucial que desenvolvam conhecimentos sobre questões bancárias,

proporcionando-lhes autoconfiança para enfrentar desafios inesperados, como a morte do marido. O processo de empoderamento engloba o desenvolvimento dessa autoconfiança, permitindo que as mulheres confiem em suas habilidades e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, mesmo na ausência do cônjuge.

Além disso, a questão da sucessão torna-se um tópico importante nas discussões sobre gênero e empoderamento das mulheres. No contexto rural, surgem desafios adicionais, incluindo complexidades associadas à separação e à violência. Mulheres rurais muitas vezes enfrentam situações difíceis devido ao isolamento geográfico, tornando a busca por ajuda uma tarefa desafiadora. A organização do grupo de mulheres foi uma iniciativa significativa, que buscou líderes genuínas na comunidade. A liderança não deve ser limitada ao cargo de presidente de uma associação, mas sim identificada nas pessoas que naturalmente ganham o respeito de suas comunidades.

A seleção de líderes começou com aquelas que já desempenhavam este papel em suas comunidades e organizações, e a partir delas, outras mulheres foram indicadas para participar do grupo. Durante o período de pandemia, o contato com as mulheres foi estabelecido por telefone, uma a uma. Nesse contexto, eu pedia a uma mulher que indicasse outra conhecida, criando uma rede de contatos que, inicialmente, acabou concentrando mulheres em uma mesma comunidade devido às indicações locais. No entanto, à medida que o projeto ganhava forma, expandiu-se para incluir diversas comunidades. Inicialmente, priorizamos a participação de uma liderança em um assentamento de reforma agrária, outra na região alta de Linhares, que se localiza no litoral, e uma terceira liderança em outra região deste município voltada para a produção de produtos orgânicos. Em outras cidades, contei com a colaboração dos colegas locais. Por exemplo, em Colatina, a colega identificou

locais com produção de cacau e mobilizou lideranças locais para convidar outras mulheres, iniciando assim nossa jornada.

Hoje, esta colega de Colatina que está como ouvinte desta palestra teceu vários elogios e considerações enriquecedoras. Ela destacou que a ação coletiva é desafiadora, mas também uma poderosa ferramenta para a agricultura familiar, expressando adicionalmente seu orgulho pelo trabalho, trazendo consigo visibilidade, empoderamento e protagonismo às mulheres no estado do Espírito Santo, na cultura do cacau. Algumas mulheres ressaltaram que minha apresentação foi inspiradora e agradeceram por compartilhar insights sobre o trabalho de extensão com questões de gênero. Além disso, recebemos apoio de diversas pessoas, incluindo participantes de Manaus, que acompanharam esta palestra.

Gostaria de mencionar um evento especial que ocorreu durante o projeto. Embora não estivesse inicialmente planejado, as mulheres do grupo solicitaram a realização de um encontro presencial. Elas queriam conhecer pessoalmente as mulheres de outros municípios, com quem interagiam apenas virtualmente pelo WhatsApp e Google Meet. Respondendo a esse pedido, organizamos o "Encontro das Mulheres do Cacau", um evento emocionante. Fiquei surpresa ao ser reconhecida por mulheres que, anteriormente, só me conheciam por rosto, através do WhatsApp. A proximidade e carinho que compartilhamos virtualmente se transformaram em abraços calorosos e sentimentos de intimidade durante o encontro. As mulheres organizaram o evento, quebraram protocolos e prepararam uma homenagem surpresa para mim, criando uma atmosfera incrivelmente especial e gratificante. Durante o evento, grande parte do tempo foi dedicada a uma homenagem organizada pelas mulheres, que incluiu a escrita de uma carta e uma cerimônia no palco, cujas fotos foram compartilhadas no final da palestra.

Essas mulheres são verdadeiras protagonistas de todo o processo, pois detêm o controle e o poder de decisão em seu

empoderamento. Acredito firmemente que é possível estabelecer vínculos fortes e conexões significativas por meio das redes sociais. Ao investir esforços e cultivar relacionamentos, é possível fortalecer esses laços, mesmo em um ambiente virtual. Tenho experiência semelhante como professora, onde trabalhei com orientados e bolsistas de forma remota.

Às vezes, ao encontrar pessoalmente, as dimensões das pessoas surpreendem, pois, ao interagir virtualmente, não temos noção de seu tamanho. É um momento interessante de aprendizado, mostrando o que as pessoas consideram impossível pode ser alcançado com determinação e vontade. De fato, percebi algo interessante. Quando postamos um vídeo, ele atrai muito mais atenção. Em um grupo com 70 mulheres participantes, mesmo que todos estejam discutindo tópicos relacionados, a conversa pode se tornar bastante dispersa. Imagine só, cada uma delas compartilhando algo e, por mais relacionado que seja, a discussão fica bastante ampla.

Agora, considere todos comentando ali. Uma estratégia de comunicação diária com as mulheres é o vídeo. Mesmo que não seja um vídeo altamente produzido, quando é necessário compartilhar uma informação crucial, eu pego meu celular, gravo uma mensagem simples sobre o assunto importante, e posto no WhatsApp. Para um vídeo no Youtube, obviamente, fazemos algo mais elaborado. O vídeo chama a atenção e faz com que as pessoas se concentrem nele antes de explorar outros assuntos discutidos no grupo. Portanto, o uso de vídeos se tornou uma estratégia importante quando precisamos transmitir informações cruciais no grupo.

## **Ezequiel Redin**

Um dilema comum para todo extensionista, especialmente quando o projeto se torna algo que elas mencionaram, envolvendo amizades profundas e conexões significativas, é a criação de

dependência. Quando um projeto chega ao ponto em que parece que não pode mais funcionar sem uma pessoa específica, surge uma questão crucial: você acredita que, se um dia Alessandra sair desse projeto, ele continuará com a mesma vitalidade? As Mulheres “Digitais” do Cacau poderiam surgir em qualquer lugar do Brasil? O que seria muito bom! O que você pensa sobre esse ponto do projeto em que as mulheres se encontram atualmente e sobre o desenvolvimento contínuo? Se Alessandra sair, como o projeto continuará? Quais desafios ele enfrentará? Estamos falando sobre empoderamento feminino, mas vou ampliar isso para o empoderamento de forma geral, porque independente do gênero, ao trabalhar com mulheres ou homens, a função do extensionista é, às vezes, confundida com assistência técnica. No entanto, na extensão rural, precisamos promover o empoderamento de todos.

### **Alessandra Maria da Silva**

Quando nós falamos em empoderamento, diz respeito ao desenvolvimento da autonomia nas mulheres, é a pedagogia libertadora do Paulo Freire, no sentido de que a pessoa adquira conhecimento, que ela se empodere sobre si mesma, se entenda como sujeito de direito e vá atrás das suas oportunidades. É esse o perfil que a extensão rural precisa ter. E uma vez me perguntaram assim: *"Poxa, Alessandra, mas você vai fazer isso com as mulheres? Mas e depois? Como é que vai ficar a extensão rural, se não precisar mais da gente?"*. Respondi que, de fato, tem extensionista que pensa na necessidade de criar um vínculo de dependência para que se justifique a sua existência. Porém, para mim é justamente o contrário. Nós temos que desenvolver essa independência. Até porque a gente não dá conta de atender todo o universo de pessoas que precisam da ação da extensão rural.

A extensão rural é a nossa função como mediadores, como facilitadores. Quando as Mulheres do Cacau precisarem do

INCAPER para alguma ação pontual, elas já estão empoderadas o suficiente para saber que têm o direito de acesso a serviços públicos e de participação em políticas públicas. Desde o início eu trabalhei isso com elas. Eu falei assim: "*é um grupo de mulheres que eu vou deixar futuramente para pegar outro grupo de mulheres*". E como o foco foi todo em empoderamento, as mulheres são totalmente autônomas.

Hoje elas se reúnem, organizam as ações e me convidam. Tanto é que quando eu falei da possibilidade de mudanças de planos na minha vida, uma delas falou assim: "*Nossa, minha amiga, eu estou feliz por você! Só me fala aqui o rumo que a gente vai tomar.*" Nenhuma mulher ficou triste com a possibilidade de eu sair da coordenação do projeto. Mesmo porque o projeto não é mais projeto, evoluiu para a Associação. Elas decidem sobre a própria vida, e com decisões coletivas para fortalecer.

O INCAPER para elas tornou-se um parceiro, dentre outros, tais como a Cacau 2030, a Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) e o SENAR, que vem oferecendo serviços de Ater. Dentre as opções, as mulheres têm essa liberdade de escolha sobre qual parceiro vai ser o principal na vida delas agora ou quais os parceiros elas querem que deem o suporte nesse andar delas. No intervalo de dois anos, essas mulheres saíram da falta do conhecimento tecnológico para serem consultoras. Saíram do isolamento para formar uma associação com cinco municípios envolvidos, e, portanto, elas têm condições de tocar sozinhas a Associação, sem a menor necessidade da presença de Alessandra. E eu fico muito feliz por isso, porque se o grupo das Mulheres do Cacau fosse extinto pela minha ausência, significaria que não houve empoderamento dessas mulheres. A ideia é empoderar! É a dica que eu dou para todo mundo. A gente tem que desaparecer. É a nossa função empoderar e partir para a próxima. Isso se torna sensacional!

## Ezequiel Redin

Esse projeto alcançou o ápice do sucesso! Parabéns! Obrigado Alessandra, e assim encerramos nossa *live* hoje. Até a próxima semana.

### Literatura citada na palestra

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER)**. Brasília: MDA, 2004. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/2CNDRSS/2cndrss%2520politica\\_nacional.pdf&ved=2ahUK Ewjln\\_\\_rhMSGAxWRq5UCHbxJMekQFnoECBcQAQ&usg=AOvVaw35JLtlISBAiN1J4PliYD3J](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/2CNDRSS/2cndrss%2520politica_nacional.pdf&ved=2ahUK Ewjln__rhMSGAxWRq5UCHbxJMekQFnoECBcQAQ&usg=AOvVaw35JLtlISBAiN1J4PliYD3J). Acessado em: Acesso em 04 de junho de 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no setor público brasileiro: TIC Governo Eletrônico 2021**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-no-setor-publico-brasileiro-tic-governo-eletronico-2021/>. Acesso em 04 de junho de 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no setor público brasileiro: TIC Governo Eletrônico 2022**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-setor-de-provimento-de-servicos-de-internet-no-brasil-tic-provedores-2022/>. Acesso em 04 de junho de 2024.

DARCIE, C.; ZUIN, L.F.S. Veredas digitais nos territórios rurais: o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na Ater brasileira. In: Diálogos em Ater Digital na Rede Aurora v.3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LEÓN, M. El empoderamiento em la teoria y práctica del feminismo. In: León, M. (org.). **Poder e empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: Tercer Mundo, p 1-26, 1997.

MOSEDALE, S. Assessing women's empowerment: towards a conceptual framework. **J. Int. Dev.** n. 17, p. 243–257, 2005.

OLINGER, G. **Ascensão e decadência da Extensão Rural no Brasil**. Florianópolis: EPAGRI, 1996.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro - RJ, v. 5, n.28, p. 64-70, 1987.

PINHEIRO, B.B. et al. Mulheres do cacau: resultados parciais das mudanças sociais promovidas por projetos para mulheres rurais no espírito santo, brasil. In: Anais do 60º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). Anais... Natal (RN) UFRN, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2022/481025-MULHERES-DO-CACAU--RESULTADOS-PARCIAIS-DAS-MUDANCAS-SOCIAS-PROMOVIDAS-POR-PROJETOS-PARA-MULHERES-RURAI-NO-ESPIRI>. Acesso em: 06 jun. 2024.

ROTONDI, V. et al. **Desigualdade digital de gênero na América Latina e Caribe**. San Jose, Costa Rica: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA), 2020.

Disponível em: <https://repositorio.iica.int/handle/11324/12489>.  
Acesso em: 15 out. 2023.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica.  
**Educação e Realidade**, n. 20, p. 71–99, 1995.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2002

## Capítulo 2

# ATER ALÉM DO DIGITAL

explorando ferramentas digitais  
para potencializar a extensão rural<sup>14</sup>

Leandro Ebert  
Ezequiel Redin  
Luís Fernando Soares Zuin

### Ezequiel Redin

Olá a todos e todas, extensionistas, agricultores e agricultoras, pesquisadores, professores, acadêmicos e demais públicos aqui presentes. Sejam todos muito bem-vindos. Meu nome é Ezequiel Redin, professor de Extensão Rural do Colégio Politécnico da Universidade Federal Santa Maria. Quem está aqui conosco hoje é o professor Luís Fernando Soares Zuin da Universidade São de Paulo, o fundador da Rede Aurora de diálogos em Ater Digital, juntamente com o nosso convidado de hoje, o extensionista rural e engenheiro agrônomo Leandro Correia Ebert, da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse dia 18 de outubro de 2023, estamos em mais um ciclo de diálogos em Ater Digital, semeando propostas e divulgando saberes com profissionais que estudam e trabalham na área de extensão rural no Brasil. Nossos eventos buscam identificar e propor caminhos metodológicos para os atuais elementos e condicionantes que determinam os processos de transferência e compartilhamento de novas tecnologias nos territórios da América Latina e alguns

---

<sup>14</sup> Palestra completa disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CHJdm445caw>

países como Portugal, Espanha, Luxemburgo e Moçambique. A nossa *live* de hoje é intitulada "Ater além do digital: explorando ferramentas digitais para potencializar a extensão do campo". Essa *live* é uma iniciativa do portal Extensionista e da Rede Aurora de Diálogos em Ater Digital na América Latina.

## **Luis Fernando Soares Zuin**

Bom dia a todos e a todas, prazer muito grande estar aqui com vocês hoje! Professor Ezequiel, tenho certeza de que nós vamos ter uma palestra interessante! O Leandro é um extensionista que possui um talento enorme para a comunicação digital e um interesse muito grande na divulgação científica nos territórios rurais. Hoje, nós veremos como ele faz isso. Certamente aprenderemos muito com ele. Leandro, seja muito bem-vindo!

## **Leandro Ebert**

Saudações a todos. Agradeço aos Professores Zuin e Ezequiel, à Rede Aurora e ao Portal Extensionista pela oportunidade de compartilhar a minha experiência aqui com esse tema.

Eu sou um entusiasta deste tema! Eu busco explorar ferramentas digitais para potencializar a comunicação digital em atividades de extensão rural e ela já está presente no campo, sendo uma realidade, impulsionada pela pandemia. Entretanto, a meu ver, o desafio hoje é nós conseguirmos associar essas duas coisas, que é levar comunicação digital aos agricultores e extensionistas, bem como usá-la no mundo real, na concretude da vida no campo.

Depois daquele *boom* inicial da pandemia, com várias *lives*, praticamente tudo digital, sentimos falta do físico, do real, e ficou - a meu ver - uma certa desconexão. Nós estamos tentando achar formas de ligar uma coisa à outra, de transformar a

comunicação digital, para que não fique só na rede social, no aplicativo, no abastecimento de dados ou que um sensor leia dados e jogue para um sistema, mas que eu possa transformar isso em uma ação prática no dia a dia da produção rural.

Inclusive, uma das visões hoje da EMATER (RS), minha instituição, é promover essa conexão com as tecnologias da informação e comunicação digital, que também está passando por essas fases que eu comentei brevemente. Como disse, sou um entusiasta desse assunto e venho trabalhando há nove anos de EMATER (RS). Posso dizer que nesse tempo mudou muito a forma de fazer extensão rural, e quem é mais antigo do que eu, o que representa a maioria dos funcionários da EMATER (RS), já percebeu essa mudança de se fazer extensão rural. Inclusive, está em andamento um concurso público para que entrem novos extensionistas, algo que não acontecia desde 2014, sendo este aliás, pelo qual ingressei. Portanto, sou da turma dos mais jovens, diferentemente dos demais colegas cuja maioria viveu uma outra realidade.

E mesmo eu, já peguei mudanças drásticas de prestar serviço de Ater nesses quase 10 anos. Estive sempre procurando não só acompanhar essas mudanças, que seria uma forma de reagir a elas, mas de ajudar a desenvolvê-las, aquilo que eu costumo chamar de uma "Ater proativa". Esta proatividade permitiu-me integrar as soluções e oportunidades que vão aparecendo na extensão rural, na rotina do dia a dia do nosso trabalho. E é isso que eu apresentarei hoje para vocês, a minha experiência.

Eu me lembro da minha primeira reunião como extensionista com pequenos produtores rurais, numa chamada pública para a produção de leite, sendo um contrato que a EMATER (RS) executou entre 2014 e 2017. Nela, estava mexendo numa planilha, passando uns slides e o meu supervisor apresentando o conteúdo. Neste momento, eu estava conhecendo os agricultores do município de Fagundes Varela, com quem eu

iria começar a fazer extensão rural. O primeiro trabalho foi focado, obviamente, na rentabilidade, que aumentou com a utilização de pastagens aliado ao decréscimo dos custos de produção.

Localiza-se numa região da Serra Gaúcha, tendo superfície declivosa, com propriedades pequenas e mão de obra familiar. Eu recomendei o plantio de pastagens permanentes, por causa deste relevo acidentado e começou a dar muito resultado. Em 2016, finalizando aquela chamada pública, nós começamos um programa estadual de gestão sustentável da agricultura familiar, que focava na gestão, na adequação socioeconômica e ambiental das propriedades. Com essa experiência que eu havia adquirido, conseguimos resultados excelentes no aumento da produtividade, da renda, contribuindo com a permanência das famílias na atividade, que era o principal objetivo.

Resolvemos ampliar isso para mais famílias a partir desse programa. E esse foi um "caso de sucesso" estadual no programa de gestão: "Transformando pastagens em lucro". Começamos a atender outras comunidades, com propriedades também pequenas, agora com relevo um pouco diferente, com outra condição de trabalhar. Esse produtor teve um aumento na renda agrícola de 540% de um ano para o outro. Como resultado dessas experiências, de todo esse trabalho, com reuniões, visitas, desenvolvendo ações, recomendações, assistência técnica e extensão rural, surgiu a demanda de expandir para mais produtores no mesmo município. Foi nesse momento que nós, equipe da EMATER (RS) do município de Fagundes Varela (que possui 2.700 habitantes), começamos esse projeto que chamamos de GT Leite, que inicialmente era destinado para um grupo técnico da produção de leite da cidade de Fagundes Varela. O objetivo desse trabalho era, mais do que fazer reuniões, dar uma palestra ou ir lá na propriedade dizer que deveria ser feito, foi o de "propor uma intervenção direta nas propriedades, para alcançar resultados produtivos e econômicos efetivos". Buscávamos fazer o combinado com os produtores e facilitadores

que poderiam ajudar na apropriação dos conhecimentos pela família. Obviamente, para que eles pudessem se desenvolver e não depender, especialmente, da recomendação do técnico.

Então, elaboramos uma estratégia que requeria as visitas do extensionista para fazer o diagnóstico, propor as intervenções e as recomendações. Também realizamos momentos de capacitação e de troca de experiências entre os produtores.

Com isso já tínhamos um coletivo de produtores que aumentava e, ao mesmo tempo, um olhar individual para cada família e propriedade, que requeria uma maior dedicação de cada um, muito mais do que somente a reunião ou capacitação.

Foi nesse momento que surgiu a ideia de começarmos a usar o smartphone para levar informações para o produtor rural. Nessa época, em 2017, ainda estava bem incipiente, mas nós começamos a usar esse caminho comunicacional. Tanto que alguns produtores ainda nem tinham smartphone com WhatsApp ou com acesso à internet, usando aqueles celulares antigos. O telefone da EMATER (RS) também não era moderno e, então eu usava o meu celular particular para me comunicar com os agricultores.

Nessa época os produtores começaram a participar do grupo do WhatsApp GT-Leite, no município de Fagundes Varela. E assim nós começamos a usar essa ferramenta de comunicação, que hoje parece tão comum. Antes não se tinha conhecimento e pesquisas científicas sobre o uso dessas ferramentas na extensão rural como uma forma metodológica de comunicação. Nem todos tinham ou sabiam usar este recurso e não era uma atividade organizada, diferentemente do que faço hoje em dia.

Enquanto esse trabalho crescia, percebíamos dificuldades em acompanhar os processos produtivos nas propriedades. O produtor não tinha o hábito de fazer anotações da sua produção e, conseqüentemente, não sabia como utilizá-las. Às vezes, registrava as compras, a quantidade de ração ou inseminações

das vacas, detalhes sobre a dieta, mas sem um método de organização, não permitindo aplicar essas informações na gestão da produção.

A necessidade era mudar isso e uma maneira seria introduzir o uso de computadores ou planilhas. No entanto, devido às dificuldades dos produtores em utilizar essas ferramentas, a responsabilidade recaía sobre o extensionista. Esse profissional necessita dedicar tempo para coletar, organizar e processar os dados de todos os produtores, e, se necessário, fazer as anotações. Frequentemente, é preciso visitar as propriedades para obter os dados diretamente dos produtores, como verificar em notas fiscais os medicamentos utilizados, entre outras informações. Essas tarefas demandam um tempo considerável, devido às nossas múltiplas responsabilidades e ao tempo limitado, e como resultado, não podíamos nos dedicar a isso integralmente. A falta de organização das informações resultava em desconhecimento dos indicadores zootécnicos e econômicos das propriedades e das atividades agropecuárias dos produtores de leite.

Então, como nós e os produtores já estávamos com o grupo do WhatsApp, surgiu a ideia de criar um aplicativo ou um *site online* para fazermos o registro dessas informações. A primeira versão do aplicativo, que é o GT Leite, tornou-se uma ferramenta de gestão nossa e uma estratégia de comunicação com as propriedades de uma forma simples. Isso foi criando uma repercussão muito grande, não apenas no município.

Participamos do "Fórum Tecnológico do Leite" em Teutônia, em dezembro de 2018. Fui convidado para palestrar sobre o uso de ferramentas digitais na agropecuária, baseando-me em experiências anteriores. Convidei uma produtora para compartilhar seu testemunho, um caso de sucesso em nível estadual, no qual transformou sua propriedade numa referência. Ela relatou que, inicialmente, enfrentou dificuldades ao começar a usar um smartphone, pois não estava familiarizada com sua

operação. Seu filho comprou o dispositivo e a ensinou o básico, especialmente o uso do WhatsApp e do aplicativo GT-Leite, para que pudesse enviar dados para nós. No evento, esse relato teve um grande impacto, com uma plateia de 800 pessoas que ficaram atentas à sua história.

Para ver como as coisas andam rápido: hoje se falarmos em usar um grupo do WhatsApp, por exemplo, não é uma grande coisa, mas o aplicativo em si ainda é. A grande sacada desse aplicativo é o que o justifica. Antes dele, eu trabalhava com planilhas. Para tanto, eu imprimia uma ficha para cada mês e deixava com o produtor, para que ele anotasse informações, como quantos litros de leite tinha vendido, quantos quilos de ração utilizou, quantas vacas estavam em lactação, e assim por diante. O produtor preenchia essa folha, eu a recolhia em sua propriedade, levava para o escritório da EMATER, digitava na planilha e gerava o relatório. Depois, retornava à propriedade com o relatório pronto, apresentava os indicadores e discutia com a família o que fazer.

Quando começamos a usar smartphones, eu abordava os mais jovens devido à questão do tempo, e dizia a eles: *"Faça o seguinte, Felipe, tire uma foto da folha que você preencheu e me envie pelo WhatsApp, que eu insiro os dados na planilha"*. Isso me poupava tempo. Assim, ao invés de fazer uma visita apenas para coletar dados, eu já chegava com o relatório pronto. Foi então que pensei: *"Se eles estão digitando as informações que antes anotavam em papel, talvez eu possa criar um formulário em um aplicativo para que possam inserir os dados diretamente no sistema e enviá-los para mim em uma planilha em uma nuvem"*. Assim, criei esse aplicativo, inicialmente baseado em uma planilha do Google.

Eles digitavam as informações, transferia os dados de uma planilha para mim, eu copiava e inseria na planilha de cada propriedade, e então gerava um relatório. Comecei a enviar esse relatório pelo WhatsApp dos produtores, acompanhado de uma

análise e um *feedback* meu. Antecipava informações como "*Veja, este índice melhorou, enquanto este outro precisa de atenção!*". Isso permitia avançar mais rapidamente para a próxima visita. Antes, com a sistematização por meio da planilha conseguia fazer relatórios de três propriedades apenas. Quando todos começamos a usar o aplicativo, pude gerar os relatórios, propor recomendações e comunicar com todas as 15 propriedades em apenas um dia. Isso potencializou minha capacidade de trabalho, permitindo uma intervenção direta em mais propriedades, usando as ferramentas digitais de comunicação. É por isso que ações como essa precisam ir além do digital e impactar o mundo real dos agricultores. Estamos usando ferramentas de comunicação digital para transformar a nossa realidade no trabalho de extensão rural.

Em 2019, iniciei atividades em outro município devido a uma questão pessoal: a minha esposa tinha sido aprovada num concurso público na prefeitura. Assim, comecei a trabalhar no município de Serafina Corrêa, onde permaneço até hoje, conhecido por ser uma bacia leiteira de grande importância. Ao chegar aqui, organizamos uma série de ações para abordar os problemas e desafios enfrentados na produção de leite. Naquele momento, vários produtores estavam abandonando essa atividade no município<sup>15</sup>.

Ao iniciar os trabalhos de extensão rural e após conversas com colegas e produtores locais, decidimos visitar os produtores do município de Fagundes Varela, que fica próximo. Optamos por adotar uma abordagem semelhante, formando um GT-Leite em Serafina Corrêa, seguindo a mesma lógica que eu expliquei anteriormente.

Por meio das informações provenientes do aplicativo, das visitas e dos momentos de troca de experiências, começamos a selecionar os produtores que participariam de um novo projeto conosco chamado "Elite a Pasto". Realizamos um diagnóstico individual com entrevistas detalhadas. Utilizamos a

---

<sup>15</sup> Ebert (2019)

"Teoria U" de Otto Scharmer como referência, visando liderar grandes transformações para os agricultores. O objetivo era transformar a cultura e a mentalidade da bovinocultura em Serafina Corrêa, promovendo mudanças na forma de trabalho e na realidade das propriedades e famílias envolvidas.

Após o diagnóstico, procedemos à sistematização, nivelamento, planejamento e execução dos planos de ação, seguidos por avaliações. Embora tenhamos realizado reuniões e encontros virtuais, percebemos que os produtores preferiam conteúdos gravados. Diante disso, surgiu a ideia de produzir alguns vídeos intitulados "Conversa com o Extensionista", nos quais os produtores poderiam assistir no momento mais conveniente para eles e, posteriormente, aplicar o conhecimento adquirido na sua propriedade.

Este projeto se expandiu, trazendo profissionais e pesquisadores para discutir temas específicos de interesse dos agricultores. Neste momento, foram realizadas parcerias com a prefeitura de Serafina Correa e a Rádio Rosário ampliando nosso alcance. Por exemplo, em um episódio na rádio, abordamos o tema da silagem de colostro, o que resultou na adoção dessa tecnologia por parte de um produtor local que não era tradicionalmente atendido pela instituição, como pude ver em uma visita.

O projeto "Elite a Pasto" foi criado para ser um projeto de desenvolvimento da produção de leite baseado em conhecimento científico e tecnologias avançadas. Redes sociais, aplicativos e grupos de WhatsApp desempenharam um papel fundamental na sua gestão e comunicação. Neste sentido para este projeto produzimos vídeos de curta duração que chamamos de "90 Segundos de Ciência", com o objetivo de compartilhar conhecimento científico com uma linguagem acessível ao produtor rural.

Os resultados do projeto determinaram uma maior lucratividade para os produtores, mesmo diante de aumentos nos

custos com insumos, os quais foram reconhecidos através de prêmios. Além disso, as contribuições em texto para portais como o *MilkPoint*<sup>16</sup> visam aprofundar o conhecimento técnico no setor leiteiro. Essas iniciativas têm como objetivo romper com a superficialidade das informações digitais, aplicando-as de forma prática e eficaz nas propriedades.

Quando escrevo um texto abordando algumas das principais questões da produção de leite, busco usar uma linguagem clara e acessível para que os produtores possam ler e acessar facilmente. Eu compartilho o *link* do texto em diferentes plataformas de comunicação *online*, permitindo que todos, incluindo nossos próprios produtores, possam acessá-lo. Por exemplo, no texto<sup>17</sup> que eu escrevi sobre o "Pastoreio Rotatínuo", cito os resultados que obtivemos durante a pandemia do novo coronavírus. Estou lançando os materiais dos dias de campo que realizamos como parte de um outro trabalho. Nossas reuniões com os produtores agora são presenciais, mas continuaremos a utilizar métodos digitais, para divulgar nossos projetos e resultados. Faremos uma mostra tecnológica *online* do Projeto "Elite a Pasto", no canal do YouTube<sup>18</sup> da EMATER (RS), no qual vamos apresentar detalhadamente algumas das principais tecnologias aplicadas neste projeto, incluindo depoimentos dos produtores que participaram, os resultados obtidos e as tecnologias utilizadas. Além disso, os convidados, como professores universitários, pesquisadores e empresas de insumos agropecuários, falarão a respeito das principais tecnologias de produção de leite desenvolvidas por eles. Teremos a participação *online* de uma professora de Lavras, Minas Gerais, no evento, e isso permite que mesmo distante fisicamente, ela possa contribuir

---

<sup>16</sup> Como o Tambo S. Martins que recebeu o Prêmio de Referência Leiteira em 2023 na categoria Gestão Rural.

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.milkpoint.com.br/artigos/producao-de-leite/pastejo-rotatinuo-aumentando-o-consumo-de-pasto-235194/>

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/live/3Lrh-Uj5OcQ?si=n3MbuXegbc1GZldN>

com sua expertise, como no caso das dietas "Alto Pasto", ao apresentar aos produtores este assunto.

Além disso, como o evento é *online*, produtores de qualquer lugar do mundo que compreendam o português, poderão participar e conhecer os resultados das tecnologias aplicadas, ampliando assim o alcance e a disseminação do conhecimento.

Quanto ao uso das tecnologias de comunicação na produção agropecuária é importante não vivermos no passado, mas sim estarmos focados no presente e com um olhar para o futuro, buscando constantemente inovação e mudança. Por isso, considero-me um entusiasta e estou sempre buscando me manter atualizado. Se hoje o conteúdo é mais rápido, vamos fazer um "90 Segundos de Ciência" e depois pensar em maneiras de levar informações mais detalhadas. Não podemos nos atrasar, pois corremos o risco de perder as oportunidades proporcionadas pela comunicação digital.

Um dos principais desafios da extensão rural atualmente, talvez o maior, é trabalhar a sucessão familiar garantindo que jovens permaneçam no campo e que as famílias continuem com sua vocação agrícola evitando assim o êxodo rural. Para transmitir informações de forma eficaz é essencial nos mantermos próximos da linguagem dos jovens.

Eu não sou mais jovem, tenho 34 anos, mas eu preciso me comunicar com um filho adolescente do agricultor que tem 17 anos. Esses dias eu mandei uma mensagem de WhatsApp para um adolescente, e ele me respondeu com um "Ss". Eu já sabia o significado porque tenho uma afilhada de 14 anos e uma vez ela me respondeu da mesma maneira, explicando-me que "Ss" é "SIM". Aliás, na ocasião, havia questionado por que não escrever "SIM", afinal houve a "economia" de apenas uma letra! Aí ela disse que é fácil digitar S duas vezes. Daí fica "Ss", ou seja, "S" maiúsculo e minúsculo.

Eu não entenderia a mensagem se eu não tivesse interesse em conhecer a linguagem que eles se comunicam

atualmente. Além disso, tem outras coisas, dentre elas o uso de alguns termos que não entendemos, razão pela qual eu estou fazendo uma lista, semelhante a um glossário. Por exemplo os verbos "flopap", "tankar" e "macetar", que aliás eu já tinha lido em um outro grupo de viticultura.

Essa conversa revela como o uso estratégico das redes sociais e do WhatsApp desempenha um papel crucial na comunicação com os produtores e na disseminação de informações.

O Facebook é utilizado principalmente para compartilhar conteúdo entre grupos específicos, aproveitando suas vantagens, como a capacidade de incluir *links*. No entanto, o Instagram também é explorado, especialmente para alcançar um público mais jovem. O WhatsApp se destaca pela sua utilidade na comunicação direta e na formação de grupos de interesse específicos.

O conteúdo compartilhado varia de acordo com a plataforma, sendo que algumas informações mais específicas são destinadas apenas aos grupos do WhatsApp. Essa segmentação é necessária para atender às necessidades individuais dos produtores e evitar conflitos. Além disso, a proximidade estabelecida por meio do WhatsApp permite uma interação mais direta e personalizada, muitas vezes por meio de mensagens de áudio que se adequam à rotina dos produtores.

A colaboração entre instituições, como a EMATER (RS) e as prefeituras municipais, é essencial para o sucesso dos projetos, especialmente no meio rural. A integração de recursos e ações permite oferecer serviços mais abrangentes e acessíveis aos produtores, como análises de solo custeadas pelo município. No entanto, a escassez de recursos humanos é um desafio enfrentado por essas instituições, destacando a necessidade de investimentos nessa área.

Por fim, a discussão sobre a importância do equipamento adequado para a produção de conteúdo digital ressalta a

necessidade de atualização constante e adaptação às mudanças tecnológicas. Apesar dos desafios, o comprometimento e a paixão pelo trabalho são fundamentais para superar essas barreiras e oferecer serviços de qualidade aos produtores rurais. Isso também requer que os extensionistas estejam qualificados no uso dos equipamentos, por exemplo, ter um microfone sem fio para gravar o áudio. Essa tecnologia precisa ser integrada à rotina de trabalho da nossa instituição, porque não basta apenas possuir câmeras, microfones e gravar; é essencial distribuir as informações produzidas. Esses tipos de conhecimentos e equipamentos precisam ser inseridos na rotina do nosso trabalho.

A comunicação digital também é uma parte importante a ser considerada. O projeto "Conversa com o Extensionista" contou com o apoio da assessoria de imprensa do município, que prestou suporte na produção e divulgação dos vídeos, entre outros conhecimentos. Esse conteúdo também foi transmitido pelo rádio no qual eu inicialmente eu participava onde apresentava trechos dessas conversas. Posteriormente a rádio me sugeriu divulgar as conversas inteiras em um outro horário. Essa parceria ampliou o alcance do projeto atingindo um público que não estava presente no ambiente digital, mas estava sintonizado no rádio.

## **Ezequiel Redin**

Eu noto uma dificuldade significativa em criar discussões sobre o uso de tecnologias dentro do próprio corpo técnico dos órgãos de Ater. Eu faço essa comparação às vezes em sala de aula também. Não adianta você ter o melhor celular do mundo se você não souber mexer e usar os aplicativos e outras funcionalidades. Da mesma forma, não adianta o agricultor ter a melhor tecnologia do mundo se ele, também, souber utilizá-la plenamente para aproveitar todo o seu potencial. Longe de dizer que a tecnologia é importante... ela é sensacional! A tecnologia qualifica o nosso trabalho, mas também precisamos saber lidar

com ela, e esse é o grande desafio. Por exemplo, fazer cortes de vídeo parece simples, mas não é. Estou há quatro anos aprendendo a usar os aplicativos para edição de vídeo. O Leandro sabe fazer cortes de vídeo muito melhor que eu, e isso requer muito estudo e prática.

Trago uma pergunta bem interessante: como está o trabalho iniciado no município de Fagundes Varela em que trabalhou anteriormente? Foi possível dar continuidade aos seus projetos?

### **Leandro Ebert**

Mesmo sendo jovem, consegui obter muitos aprendizados a partir de relatos de experiências dos extensionistas mais antigos, os quais continuam me ajudando muito até hoje. Há dois aspectos nesse sentido de aprender com a experiência, dos projetos que coordenei que gostaria de destacar. Um deles é um ajuste realizado no meio do caminho e se mostrou acertado. O GT-Leite, especificamente, tinha inicialmente o objetivo da intervenção direta do técnico. No entanto, em determinado momento, introduzi a ideia de apropriação de conhecimentos pelas famílias. Isso ocorreu após uma experiência negativa: durante minhas férias, houve problemas graves nas propriedades. Os agricultores não conseguiram manejar os animais e pastagens de forma adequada, resultando em queda na produtividade e caos geral. Um técnico de laticínio foi chamado, mas não conseguiu orientá-los corretamente, comprometendo nosso trabalho. Em uma reunião emergencial, decidi que a partir daquele momento, além da intervenção técnica, haveria um esforço para que as famílias se apropriassem do conhecimento, para que pudessem se virar sem depender exclusivamente de mim. Essa mudança era crucial, pois não poderíamos mais permitir que situações como essa se repetissem. E eu fiz isso em 2017 e eu saí final de 2018. E deu certo! Hoje, eu diria que esses produtores podem dar

palestras sobre produção de leite a pasto. Tanto que levei alguns deles, para falar comigo em algumas universidades.

O grande desafio que eu enfrentava era como ampliar isso para mais produtores. Foi interessante quando uma colega da EMATER (RS) assumiu o meu lugar na cidade e trouxe uma nova perspectiva. Sua outra forma de ver, de falar, de se comunicar, alcançou alguns produtores que eu não estava conseguindo atingir. Não foi fácil para ela; lembro-me de fornecer muito suporte no início dos seus trabalhos.

O segundo aspecto é que nesse trabalho inicial eu acompanhei e sofri junto dos produtores. Até estive presente quando o produtor soltou a vaca no pasto à tarde pela primeira vez, algo que não faziam. Falamos muito em diagnóstico na extensão rural, que é fundamental e importante, mas não é tudo. Há várias etapas posteriores a serem seguidas, e os trabalhos não podem se limitar a essa fase. Cometi esse erro quando eu vim para a cidade de Serafina Correia. Em Fagundes Varela, eu fazia dias de campo, palestras, coordenava cursos, etc. Então, ao chegar aqui, com todo o conhecimento sobre a produção de leite e sua realidade, acabei adotando uma abordagem muito intensiva, tentando implementar a metodologia que utilizava em Fagundes Varela, o GT Leite.

Tentei estabelecer parcerias com algumas organizações, mas elas não entenderam muito bem a minha proposta, talvez porque fui muito apressado. Comecei os trabalhos e, no meio do caminho, percebi algo bem curioso. Minha proposta envolvia intervenção direta na produção de leite nas propriedades, com a apropriação de conhecimentos e treinamento dos agricultores. Só que lá em Fagundes Varela, eu havia construído tudo isso com eles. Eu chegava na propriedade, fazia visitas de 10 ou 15 minutos, dava minhas recomendações e seguia em frente. Por exemplo, sugeria aumentar o piquete, adicionar ureia, e fazer a colheita no momento certo para fazer silagem... concordávamos e seguíamos adiante. Estava num ritmo ótimo, gerando bons

resultados, com medições no aplicativo e tudo fluía eficientemente. Quando cheguei aqui, na cidade nova, eu estava nesse mesmo ritmo.

Porém, ao orientar o produtor sobre estas mesmas atividades que citei, eu voltava quinze dias depois, mandava uma mensagem e quando chegava lá o produtor não tinha feito nada do que eu havia recomendado. Ele poderia ter me informado que não o faria, porque, uma vez que o pasto passou do ponto, seria necessário roçá-lo, o que antes não era preciso. Bastava só aumentar o piquete, porém deu tudo errado.

Isso me levou a questionar: por que em Fagundes Varela eu conseguia ter eficácia com a intervenção do extensionista e aqui não? A resposta que encontrei é que em Fagundes Varela eu aprendi junto com os agricultores. Aqui, cheguei já com o conhecimento e a experiência prontos. Eu sabia o que fazer, mas não tinha construído isso com os produtores locais. Quando eu chegava e dava instruções, era de algo de cima para baixo. Percebi então que precisava parar, recuar e realmente construir saberes junto com eles, para que eles participassem ativamente da construção do conhecimento e das práticas desde o início.

E veja que interessante: o resultado é um trabalho diferente no qual apliquei a "Teoria U" para liderar as transformações. Realizei entrevistas profundas com os agricultores, empregando a técnica de escuta ativa e juntos construímos uma linha do tempo da produção leiteira no município. Rapidamente percebi que a realidade aqui diferia bastante daquela do meu antigo município, tanto em termos de demandas quanto de métodos de trabalho. Um aspecto que realmente casou muito bem com os produtores locais foi a aplicação de conhecimento científico em novas tecnologias.

Eles gostaram dessa forma de trabalhar. Então eu comecei a fazer parceria com a EMBRAPA e outras organizações, dando início ao teste e validação em meu trabalho. A EMBRAPA, por exemplo, enviou-me um trigo de pastejo que nem havia sido

lançado, para nós validarmos à campo. Então eu mobilizo essas unidades de referência (URs) e vamos trabalhar com a adubação do sistema, por exemplo. Claro que essas tecnologias estão relacionadas ao diagnóstico de campo, porque além dessa caracterização mais social, de escuta, de entender a situação e de como trabalhar, de como comunicar-se com eles, também foi feito o diagnóstico do nível tecnológico que eles estavam.

Isso tudo está sistematizado na metodologia "Elite a Pasto" e será apresentada numa *live*<sup>19</sup> no dia 1º de novembro de 2023. Portanto, a primeira etapa é realmente você ir lá, ouvir o produtor e sua família, entender a situação, e identificar como eu posso ajudar. A seguir, devo compreender as demandas específicas que, como engenheiro, posso atuar. Esse é o primeiro trabalho. A próxima fase é dedicada ao estudo intensivo, necessário para aplicar o conhecimento na prática.

Quanto à divulgação nas redes sociais ou na imprensa adoto uma estratégia que aprimorei ao longo dos anos: apenas compartilho projetos completamente desenvolvidos. Evito publicar iniciativas nas fases iniciais ou aquelas que ainda não foram bem-sucedidas para prevenir mal-entendidos e garantir a transmissão apenas de informações confiáveis.

## **Ezequiel Redin**

Agradeço ao Leandro por essa palestra. O nosso ciclo de formação Extensionistas Rurais vai até o final do ano, bem como as palestras do "Pesquisa em Prosa", que são os resultados de dissertações, teses e artigos científicos, que são da área de extensão oral. Obrigado a todos e todas e até uma próxima oportunidade.

---

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/live/3Lrh-Uj5OcQ?si=CAOHpQFijpJKK3Gm>

## **Literatura citada na palestra**

EBERT, L.C. Viabilizando a Qualidade do Leite em Pequenas Propriedades. **In:** VIII Congresso Brasileiro de Qualidade do Leite, 2019, Lajes, SC. Anais do VIII Congresso Brasileiro de Qualidade do Leite. Florianópolis-SC: Epagri, 2019. v. 8.

SCHARMER, O. **Teoria U: Como Liderar Pela Percepção e Realização do Futuro Emergente.** São Paulo: Editora Alta Books. 2019.

# DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL

*Semeando propostas, compartilhando saberes*

ISBN 978-65-265-1224-1



9 786526 512241 >

**aurora**

Rede Latino-americana de Diálogos em Aberto Digital

Volume 3